Lisboa.

Dezembro: 2

Fui ontem ver a fita Luzes da ribalta do Charlie Chaplin, vulgo Charlot. Não sou critico de cinema, não tento deixar aqui a impressão de que percebo do assunto. Só direi que saí do espectaculo subjugado com a maravilha. Aquele homem é um assombro, nem mais nem menos. E, novidade p.ª mim, foi ele o autor da musica! Não sei traduzir em palavras a sensação que tudo aquilo me produziu... No correr da fita nada se perdia: todos os pormenores tinham significação e a maleabilidade da cara dele, para todas as expressões, é verdadeiramente assombrosa.

E fico-me por aqui. E ha muito que não dormia sem sonhos exquisitos; desta vez dormi como um justo.

Obrigado, oh Charlot!

Lisboa.

Dezembro: 3

Hontem fui ao concerto da Orquestra Sinfonica Nacional dirigida pelo maestro Roberto Benzi — um rapazinho de derasseis

anos. Estavamos na era dos prodigios quer dizer que sim quer dizer que não. Dezasseis anos...

Não sei se reagi mal se reagi bem; o que sei é que, p.ª mim, foi concerto de meia cheia, a começar com a abertura da Força do Destino de Verdi que me sensibilizou bastante e a terminar com o scherzo celebre de Paulo Dukas, musica um pouco estranha mas impressionante. Entre uma e outra ouvi a Sinfonia do Novo Mundo de Dvorak e a Sinfonia classica de Prokofieff — peças de estilo moderno para os meus ouvidos educados nos fins do seculo passado mas que ~~[illegible]~~ não deixo de apreciar com espirito de compreensão possivel.

O largo da sinfonia de Dvorak é imponente; o larghetto da de Prokofieff tem poder emocional; no entanto, não sei se por sensibilidade se por acordar na memoria os tempos idos dos concertos em casa de meus pais com meu tio João Caetano, a verdade é que a abertura da Força do Destino sensibilisou-me até ás lagrimas... Os primeiros compassos que pareceu traduzir qualquer coisa de fatidico, tiveram o condão

de me nascer e de me trazerem umas fu-
rtivas lagrimas.

E voltei a dormir como um justo...
Os pontos desapareceram. Abençoada se-
ja a Musica!

Lisboa

Dezembro: 4

Ha 50 anos, dia por dia, fui chamado
á hora do jantar, para uma deligencia urgen
te a Arpanil. Estava á mesa, com meus
Pais; a tarde chuvosa e fria, a convidar ao
socêgo da casa, ao recolhimento do quarto
de trabalho. Mas lá fui, fardado á pressa,
equipado com as correias da ordem, etc. etc.

Quando larguei do quartel com a força
de visita e tantos homens, anoitecia. A chu
va continuava a cair e eu lá segui, estra-
da da Beira fóra, chapinhando na lama, até
Poiares onde chegámos cerca da meia-noite.

Tratava-se duma renhida eleição da Mi
sericordia de Arpanil, onde o administra-
dôr do concelho o industrial Franc.º Inacio
Dias Nogueira reinava sem contestação. E
lá foi uma força militar apoiar as manob-
ras do politico local.

Foi, pois, há 50 anos, dia por dia, que começou a minha malaventurada vida de oficial do exercito. Começaram, então, na Varde chuvosa de 4 de Dezembro de 1903, os meus trabalhos inglorios; o inicio, verdade verdade, foi digno do resto da vida... Pela noite adeante, estrada fóra, debaixo de chuva constante e fria, estava bem longe do que seria o futuro; Tinha 23 anos, e a aventura, apesar de desagradavel, sempre era uma aventura!

O que me não passava pela mente era o que me poderia acontecer pela vida fóra; na altura, apesar da chuva, da lama, do frio, ainda ia embalado no sonho duma aventura nova!

Para quê mais comentarios? O que lá vai, lá vai; já não posso emendar a mão; só poderei recordar e... lastimar.

E agora, outro assunto bem diferente. Ontem, ás 21,5 horas, o Navarro lançou pela Emissora Nacional, a sua costumada palestra das 5.as feiras. Ás vezes diz com interesse, outras vezes aborrece-me o seu monotono com q. fala e ruido de estação.

Mas ontem, casualmente, em casa de m.ª Filha, ~~ouvi~~ ouvi a locutora anunciar a palestra e o Vitorino Nemésio começar... E começou como? A propósito de ser dia de S. Franc.º Xavier, começou por evocar Inácio de Loiola, um dos grandes homens do séc.º XVI; e dispôr-se a biografar e exaltar o fundadôr da Companhia...

Se estivesse em m.ª casa ou fechava o radio ou mudava de estação; felizmente a conversa da família cortava a palavreado e só de ver em grande pé ouvia a voz monotona do Nemésio repisando as excelencias do m.º litário de Manrêsa. E eu, para castigo, ia passando nas voltas do Mundo...

O Nemésio que eu conheci estudante em Coimbra ha bons 30 anos, revolucionário, além de coisa parecida, não encontrou assunto melhor para a palestra de ontem além de Inácio de Loiola — que parece-me merecer-lhe certos encomios.

O Vitorino Nemésio a exaltar S.to Inácio de Loiola é um destes casos que se não comenta. Apenas se regista p.ª acrescentar a notas que aqui deixei ha tempos e q. agora infelizmente recordo.

Muito se aprende com o tempo e com a idade! E eu já tenho certa conta de anos que dá direito a saber alguma coisa.

Lisboa:

Dezembro: 5

Ainda a propósito das últimas eleições. Por conversas aqui e ali, por certas frases apanhadas ao acaso, chego á conclusão que a apregoada afluencia ás urnas em Lisboa não foi mentira; parece que, na verdade, os eleitores apareceram e votaram. E como a votação favoravel aos candidatos oposicionistas foi insignificante e ainda como parece que se exerceu fiscalisação na contagem, concluo tambem que a população de Lisboa está satisfeita com o Estado Novo e nada quer com republicanos.

Não sei se estas conclusões são bem deduzidas, mas, de modo geral, não as julgo muito fóra do proposito. Eu sei tambem que a actual situação politica contou com a votação feminina, inclusive de freiras, com a votação clerical, com os cortes no recenseamento, etc. etc. Mas tudo isso seria nada se a maioria da população quisesse vo-

tar contra, como acontecia nos ultimos tempos da monarquia. Nos arredores, em pequenas assembleias de voto, a oposição conquistou maioria apreciavel; mas nesta grande Capital do Imperio, o caso foi diferente. Antes assim. Estão satisfeitos com os patrões; é o que se quer.

E coisa parecida se deveria ter dado no Porto e em Aveiro. Está tudo satisfeito e contente; reina a boa harmonia entre governantes e governados.

Um Paraiso...

Lisboa.

Dezembro: 6

Hoje, em S. Carlos, concerto dado pela Orquestra Filarmonica do Trio Ceruz.

Esta orquestra é inferior á da Emissora; é composta de artistas arrebanhados que vocam ser amor á arte segundo creio e não por amor a qualquer remuneração. Contudo o Trio Ceruz consegue apresentar obras de valor e bem vocadas.

Desta vêz apresentou uma grande peça sua, uma sinfonia inspirada no Amadis de Gaula, na adaptação do Lopes Vieira. Pa-

recen-me obra bem feita, embora, para os meus ouvidos, um tanto ou quanto re barbativa. Quiz dar feição moderna ao tra balho e na verd.e no seu conjunto assim é. Contudo num ou noutro passo acusa certo lirismo compreensivel á primeira audição. Confesso, apesar de tudo, que gostei.

Esperêmos, amanhã, pelos jornais, fi ver o que dizem os criticos. Mas, até lá, dor mirei sossegado e satisfeito.

Lisboa.

Dezembro: 8.

Resolvi escrever hoje ao capitão Eduar do de Abreu, ajud.te do Barros Rodrigues pe dindo que me dissesse o que havia acerca do meu Baldaria.

O caso já vai fóra dos limites decentes. Ha mais dum anno, co'os Diabos!

Páz (Mafra)

Dezembro: 10

Ha 50 annos, dia por dia, vi pela primei ra vez um artigo meu em letra de imprem sa. Foi em Arganil, á chegada do correio, pela tarde, na praça central da vila.

Hei-de contar isso em folheto que, logo á chegada a Coimbra, mandarei imprimir. Esse folheto será tomado, com certeza, como prova de senilidade ou caminho p.ª a estultícia. Mas não me importo.

Queria comemorar o aniversario jubilar de outra maneira. Não foi possivel e tenho certa pena. Aqui na Paz, não encontrei melhor comemoração alem de me concentrar um pouco a matutar sobre o que tem sido a minha

pobre actividade intelectual e a fumar, depois do jantar, um charutinho ~~[illegible]~~ cuja cinza aqui fica para memória.

E mais nada. O folheto sairá mais tarde, logo que regresse a casa. Vai ser motivo para sorrisos de complacente ironia.

Este artigo é realmente o meu primeiro artigo impresso. Quatro anos e meio antes, já saira impresso um soneto — mas isso é atentado de que não quero falar em público. Foi em Abril de 1899, tinha eu então

uns pobres desanove anos cheios de ilusões e de patéticos. Adeante. Como saiu com pseudonimo ninguem dará com ele.

Referi-me ao facto em 29 de Abril de 1949, nestas notas, em paginas passadas.

Cinzas.

Coimbra.

Desembro: 15.

Ontem, trasladação da urna do Sidonio Pais que estava em exposição numa capela lateral da igreja dos Jeronimos para a casa do capitulo, em tumulo simples, ao lado de outros iguais.

O Sidonio, ainda, vá lá! era alguem embora não chegasse á craveira dos homens de letras que lá repousam; mas o pobre do Carmona... com que direito fica de sociedade com o Herculano, o Garrett, o João de Deus e outros mais?

Não será um erro que o Futuro tenha que emendar? Ainda viverei o tempo suficiente para ver a emenda?

Na correspondencia que ontem tinha á minha chegada a Coimbra, estava uma carta

do capitão Eduardo Barbosa de Abreu, ajudante do Barros Rodrigues, a quem ha dias escrevi acerca do caso do meu Saldanha.

Diz-me ele: «O trabalho está na Comissão de Hist.ª Militar que nomeou uma subcomissão para dar parecer» E acrescenta q. o andamento do assunto «é muito vagaroso...» Era de esperar.

Ora porque é que o Barros Rodrigues se tenteou da Comissão de Hist.ª Militar? Esta deliberação não está prevista no regulamento do Estado-Maior. E' natural, pois, que os dois oficiais suplementares nomeados dessem opinião desfavoravel e ele quizesse ainda ver se arranjava solução pela Comissão de Hist.ª Militar. Se assim foi, o Barros Rodrigues mostra interesse e simpatia pelo trabalho.

Quero crer, porem, que a solução não dá resultado. O General Caix.ª Botelho, presid.te da Comissão, está muito velho e não quererá impôr a sua opinião; demais, é espirito liberal e não gosta do Saldanha como já uma vêz verifiquei. Duas razões para se não intrometer no assunto. E os vogais da Comissão, na maior parte gente do Estado-maior, seguirão «os movimentos da frente» como

se diz vulgarmente no exercito. Não quer não destoar dos seus pares.

E alem disso tudo, lá está o Faria de Morais, vogal nato e principal, que terá o cuidado de dar os seus conselhos.

Isto é: o Saldanha... enervado!

Coimbra.

Dezembro: 21.

Ontem lá se celebrou, melhor ou pior, o centenario do Instituto — para o que recebi, ainda estava na Paz, o respectivo convite.

Celebração simples: um almoço de confraternização e uma reunião solene.

Pag. 385 a 389

Guardo, no fim do volume, o convite e um recorte do Primeiro de Janeiro, para memoria. Tudo correu bem e com certa dignidade. A affluencia não foi grande; mas ha de dizer-se que foi boa. Pelo recorte do Janeiro se vê o nome de socios de fóra, entre os quais avultam os do dr. Gentil e Henrique de Vilhena.

O almoço teve certo cunho de distincção; tive ao meu lado esquerdo o advogado portuense Antero de Miranda Mendes, pessoa sympathica e fina que me foi apresentada pelo dr.

Torcato de Sousa Soares que se sentava logo a seguir. Foi conversa agradavel que me deixou a melhor impressão.

A' noite, a sessão, correu igualmente sem novidade. Sobresaiu a alocoção do dr. Joaquim de Carvalho, sobria, precisa e elevada, como ele é capaz de fazer. Aludiu á barafunda politica anterior á Regeneração e ao ambiente de calma e tolerancia que este movimento provocou, no qual foi possivel a creação de instituições culturais como esta, publicação de revistas de cultura e o entendimento entre todos os portuguezes, etc. etc.

A pequena alocução do Costa Rodrigues foi desagradavel. Disse apenas banalidades e leu-a com dificuld.e Explicou-me ele que a escrevera á pressa, de manhã, em bocadinhos de papel e não a relêra. Eu apenas lhe observei:

— Ah! meu caro Am.º: isso não se faz!

Ele encolheu os ombros...

Ora no final, deu-se um episodio q. merece a pena notar aqui pois estou convencido de que se o não notar ninguem mais o notará.

Estava eu com o dr. Joaquim de Carvalho, no patamar da escada, e acabava de lhe dizer a m.ª boa impressão do seu discurso quando passou o reitor da Universid.e. o Maximino Correia, um pouco apressado, para o vestiario. Vendo o dr. Carvalho, disse-lhe rapidamente:

— Muito bem! muito bem escrita a sua alocução!

E dando-lhe uma palmada no ombro:

— Mas vocês hão-de sempre deitar veneno!...

E segui, quasi a correr, para o vestiário depois de me deitar olhadela que não percebi bem.

Eu olhei para o dr. Carvalho que ficou visivelmente incomodado. Eu arrisquei:

— Que veneno encontrou o Reitor na alocução?... Seria na alusão á tolerancia dos vencedores de 1851 e á tendencia para o esquecimento das lutas partidarias?

O dr. Carvalho, visivelmente aborrecido respondeu com voz surrida:

— Veja lá como eles são... E eu creio que não disse mais que a verdade. A Regeneração foi generosa e compreensiva.

Eu ainda disse:

— Então que quer, sr. Doutor?... O Reivas fez como os esgrimistas quando sentem a faucada do adversario: disse o touché!... classico. Não foi outra coisa.

E assim terminou o episódio que é bem sintomatico. Este Maximino Correia vale o que pesa.

O irreverente e desinquieto Maximino de outros tempos, está transformado num pacato catedratico autentico. Frequenta as igrejas, as procissões, e vai na corrente moderna do verdadeiro conformismo.

Que lhe preste.

O que me custou foi ver a expressão do dr. Joaquim de Carvalho. Ficou abalado e incomodado.

Mas que fazer?

Ora hoje tive ocasião de presenciar outro episodio, bem diferente do q. fica narrado atraz, mas igualmente sinal dos tempos que correm.

Tratava-se das eleições p.ª os cargos gerentes da Cooperativa militar da guarnição, para a cuja direcção o Quartel-General apresen-

Veu uma lista organizada, segundo se ros-
ra, de combinação com o Ten.te-coronel Alci-
de de Oliveira, da Administração Militar que
parece ter sido o deus-ex-machina das trans
formações havidas.

Contra o que eu esperava, havia concor-
rencia desusada de socios. Terminada a cha-
mada e antes da contagem de votos, o actual
chefe do Estado-maior da Repiad, um rapazola
que eu não conheço mas já com o gosto de ma
jor, começou a falar com tom de intimação fº.
dizer que só se deviam contar as listas que não
tivessem emendas ou pelo menos aquelas em
que não aparecessem nomes estranhos á lista
proposta. Isto é: tratava-se de lista unica.

Eu, em voz bem alta, protestei logo; dis-
se que não concordava porque tal modo de con
tar era contrario ao mais simples direito dos
socios. O rapazola major olhou para mim de
alto a baixo como quem não admitia opinião
contraria á sua. Na assembleia houve certos
murmurios e comentarios; o Alcide de Oli-
veira veiu ter comigo e explicou que vinha de
ser assim fº. se não cair em direcção indesej
vel, etc. etc. O tal rapazola chefe do Estº Maior
continuou a arengar, com voz rude e forte

como doeu de tudo aquilo; e eu resolvi voltar costas e conversar com o primeiro grupo de oficiais que vi ao perto, sobre qualquer assunto q. surgisse.

E o que é certo é que ninguem mais protestou e a contagem fez-se como o rapaz disse. A lista apresentada não teve oposições...

E' ou não é curioso?

Coimbra

Dezembro: 24

Andam para aí almas aflitas por causa das eleições para a Presidencia da Republica em França.

Coitadas almas aflitas!... Julgam que em França seria possivel a comedia das eleições portuguesas de ha vinte e cinco anos para cá; que os franceses se contentariam com eleger qualquer generalaço que qualquer Uniao Nacional lhes apresentasse...

Descansem essas almas aflitas que a democracia não vai abaixo, assim, sem mais nem menos, só por haver a livre expressão de opiniões!

O habito da sujeição já não deixa ver o que é claro e bem claro.

Descansem as boas almas que a França não vai assim abaixo e, como escreveu há pouco um escritor qualquer — ainda os há-de enterrar a todos...

Coimbra.

Dezembro: 31.

Fim de ano... Acontece sempre o mesmo passados trezentos e sessenta e cinco dias e ás vezes passados trezentos e sessenta e seis. E a vida vai passando.

Tenho cá a Filha, a Neta e o Genro. E, como acontece também sempre, repetem-se as costumeiras tradicionais das consoadas, da noite de S. Silvestre, dos coscurões, das rabanadas, de todas essas bagatelas trazidas através dos seculos e que hoje, p.ª mim, não teem significação.

A familia gósa com isso e eu não quero contrariar esses prazeres, aliás inocentes. Pois seja assim, e em boa paz.

Acabou o ano. Pode ser q.º o que entra seja melhor.

Amen!

P

— 1954 —

Coimbra:
Janeiro 7.1

Começa outro ano! Já assisti ao começo de setenta e quatro... Não é má conta. E se ainda chego ao proximo, posso dizer q. assisti a 3 quartos de seculo.

Enfim. O dia está excelente, embora frio como aliás é proprio. E aconteceu que, logo de manhã, abrindo o volume das Odes et Ballades de Victor Hugo li a ode 6ª do 2º livro, La Liberté, escrita em 1823. E' um belo canto á Liberdade ao ver jo ofrimida mas da qual ele não renega

antes pelo contrário afirma: « Liberté!
". . . je ne t'ai point dit adieu!» e adeante espera confiado: « Les peuples réveillés
"s' inclineront devant elle.»

Enfim, sonhos de Poeta.

Pois é verdade. Começou novo ano, com belo sol, com frio e com a leitura de uma ode á Liberdade...

E para simbolo, aí fica, como ilustração, o velho Borda de Agua colado á frente desta nota que, verd.e verdade, não vai m.to mal fourmorada.

Que a ode de Victor Hugo e o velho e bom Borda de Agua protejam o novo ano...

E acabou-se a nota.

Coimbra

Janeiro: 2

Estêve aí grande parte da Tarde o P.e António Nogueira Gonçalves cuja conversa agradavel compensou algum tanto o vazio que nos deixou a saída para Lisboa da Ana Maria, m.a ilustre Neta, e dos Pais.

Verifica-se, assim, a velha lei das compensações que é, neste caso, um modo de desculpar as saudades.

O P.e Nogueira veiu oferecer-me o 2º volume do Inventario Artistico de Coimbra, volume que inclui o concelho de Miranda do Corvo. Para o capitulo correspondente a Miranda deithe eu alguns elementos; e ele, lisongeadamente, cita-me a cada passo com palavras amaveis e adjectivos exaperados.

Como de costume, sentado na poltrona comoda, ficou-se á conversa; e esta abrangeu varios assuntos entre os quais a nossa critica de Arte que ele classificou de pobre. Sobre este ponto falámos ambos e concordámos que aos nossos criticos de arte, mesmo os melhores, falta a cultura ou habitos de historiador que os leve muita vêz a caminhos errados na ausencia de documentação inedita.

Depois a conversa, derivando, caiu no caso da igreja da Lourosa — esse crime de restauração feita á pressa para satisfazer um capricho do Marques Abreu e do Baltazar de Castro. E neste caso da Lourosa veiu á baila o dr. Antonio de Vasconcelos ao qual não negámos valor de historiador e professor mas a quem negámos ambos seriedade de caracter, que o levou a certos actos e atitudes bastante reprehensiveis.

Enfim, passou-se em revista, a projecto da crítica da Arte, em certo número de teses ou matérias; e essa revista foi feita com inteira liberdade e franqueza. O P.e Nogueira, comigo, fala com franqueza e liberd.e como de certo não falará com m.tos outros.

Depois, caímos na vontade de nos reunir-mos em almoço, como temos feito, com o dr. Costa Rodrigues; e discutimos mais uma vez o desejo de ampliar o grupo com outros amigos, ou não amigos, mas que embora caíssem convencionalmente. E concluimos que em Coimbra, a Alma-Mater lusitana, o caso é muito difícil.

E agora com este regime político vigente o caso é mais complicado. E o P.e Nogueira Gonçalves concluia com ar de tristeza:

— Isso é verdade, sr. Cor.l. Porque o pior de tudo ainda é a Santa Inquisição...

Este Padre Nogueira é dos tais homens que errou a vida, segundo creio e comigo outros amigos que lidam de perto com ele. Coitado, se assim é. A farda é uma prisão terrível p.a quem a vestiu por engano ou imprudencia; mas a batina eclesiastica e a coroa devem ser muito piores.

Um tropa ainda se nesta "á paisana,, e pode usar a cara como quer: ou rapada, ou bigode ou barba; o padre... nunca.

Polere Nogueira Gonçalves!

Coimbra

Janeiro: 10.

Escreve aí hoje toda a tarde, o Armando da Silva Pais, barreirense actualmente inspector da Intendencia dos Abastecimentos e curioso investigador da historia do Barreiro.

Já aqui tenho falado deste rapaz?! E digo rapaz porque, na verd.ade, é novo, ainda na casa dos 30 anos. A conversa foi larga, durante toda a tarde; e desta vêz fiquei fazendo melhor ideia dele, não me parece tão futil como de começo me pareceu, quando o conheci no Barreiro, em Agosto de 1951 por ocasião das festas da Senhora do Rosario.

Agora, mais á vontade, e com mais tempo para o observar, parece-me que as maneiras pretenciosas que exterioriza é que o fazem julgar. Pela forma como me expôz os seus trabalhos historicos e os seus planos futuros

---

(1) Neste vol.º a pag.ºs 240-241, 255-256 e 261.

fizesse-o julgando espírito equilibrado e com certa capacidade para as investigações de caracter local — que aliás ele já tem feito em grande quantidade e alguns capítulos muito curiosos.

Coimbra.

Janeiro: 11.

Recebi hoje os 200 exemplares que mandei tirar do meu opusculo commemorativo do primeiro artigo impresso a que deu o nome de Cinquenta anos depois.

O livrito ficou razoavel de aspecto e ao abrir os pacotes não senti a mesma impressão que ha cinquenta anos senti na fraça de Arganil, não deixei de me commover ligeiramente... Pensei, vagamente, neste meio seculo percorrido e concluí apenas que a vida é uma triste coisa.

Emfim, o que lá vai, lá vai. O opusculo é, na verdade, como lá digo, uma maduresa. Vou distribui-lo pelos amigos e conhecidos e pelas bibliotecas q. não têem direito a deposito legal. E sempre quero ver a reacção que provoca nos amigos e conhecidos que não deixarão de dizer qualquer coisa — embora as

palavras amaveis de agradecimento encubram qualquer vislumbre de ironia trocista.

Vamos a ver.

Ora hoje, á tarde, esteve aí o recente general Humberto de Buceta Martins, comandante da Região, que veiu agradecer a visita q. lhe fiz quando regressei da quintarola da Paz, em Dezembro ultimo.

Esteve aí um bocado, em companhia do seu ajudante, um capitão qualquer com cara de réu, pouco simpatico; conversou-se e quando lhe preguntei como se tinha adaptado á vida e ao clima de Coimbra, disse-me com a maior naturalidade:

— Tenho-me adaptado conforme posso... Lembro-me de que estou como os cavalos argentinos quando veem para Portugal: a adaptação tem suas dificuldades... E exige certos cuidados...

O Buceta Martins, como bom oficial de cavalaria, não encontrou melhor ponto de comparação alem do cavalo argentino.

E afinal, a comparação se não é exacta, é, pelo menos inocente.

Coimbra

Janeiro : 15

Ontem, o primeiro concerto da temporada do Círculo de Cultura Musical. Veiu a Academia de Instrumentistas de Camara, organização creio que subsidiada pela Emissora Nacional.

É bom conjunto em que ha grande parte de professores. O programa é que talvez não fosse dos mais apropriados ao auditório; ~~[illegible]~~ Coimbra não tem educação musical suficiente para tal categoria de musica, apesar de se orgulhar de Alma mater...

Depois de um concerto de J. Sebastião Bach tocado por todo o conjunto, seguiu-se o terceto em dó maior de Dvorák, admiravel como obra musical e magistralmente tocado. Terminou com um concerto de Chausson, por toda a Academia; obra excelente, mas demorada, mas talvez por certo cansasso auditivo ou pelo pouco relevo da musica, esta parte do programa arrastou-se com dificuldade para mim. No final estava, na verdade, ligeiramente cançado.

Mas, em resumo: concerto de muito cheio que valeu mesmo só, e muito á larga, o dinheiro

da assinatura como o incomodo causado pe-
la terrivel noite de frio, humidade e chuva
que ontem estava.

Mas a musica que é «a alma, o espiri-
tualismo, o vapor da arte» como escreveu o
Eça, compensou tudo isso.

Coimbra

Janeiro: 18.

Ontem realizou-se, finalmente, a agre-
gada conferencia sobre A natalidade coim-
brã de D. Afonso Henriques.

Eu estava com interesse em ouvir o con-
ferente, o medico Fernando Henriques Vaz, que
parece dedicar-se nas horas feriadas da clini-
ca aos assuntos historicos; e sempre queria
ver em que argumentos se fundava para di-
zer que Afonso Henriques era meu patricio.

E lá fui, apesar da noite desagradavel que
estava, até á Uniao de Grémios de Lojistas, na
Avenida de Sá da Bandeira. Assistencia en-
cheria meia casa; auditores na maioria co-
merciantes e artistas; conjunto, por conse-
guencia, solene.

Em obediencia á epoca que atravessá-
mos, fui convidado para presidir em penhor

Padre Eupenio Martins, representante do Bispo de Coimbra. Este P.e Eupenio parece que é creatura culta e é aí o "ai-Jesus" do beaterio e da fina flor da reacção.

O interessante foi que, logo que chegou ao estrado da presidencia convidou f.s secretariar o dr. Alberto Dias Pereira e a mim, alem de outros dois individuos. De certo os nomes foram indicados pelo Campos Rego, o promotor da conferencia; o Dias Pereira por ser amigo intimo do conferente e eu porque, na verdade, na sala, não havia muita gente de certa categoria social.

Emfim, lá se constituiu a mêsa com a mistura curiosa de individuos e o conferente começou a palestra depois duma apresentação feita por um capitão de Artelh.ª que é, ao mesmo tempo, inspector dos incendios.

A mistura continuava...

A argumentação do conferente não se funda em qualquer documento encontrado; o que ele disse funda-se apenas nisto: no periodo marcado f.s o nascimento de Afonso Henriques, a mãe deveria estar em Coimbra e não em Guimarães; e para comprovar o asserto, apresentou inumeras citações de

actos oficiais todos feitos em Coimbra ou perto, e nenhum em Guimarães.

A argumentação é curiosa e não deixa de ter certa base. O que me parecem, porem, é que o conferente não tem grandes hábitos de historiador; mas citações de muitos autores não pode ver que todos não tater em Herculano e que este passou pela notabilidade de D. Afonso Henriques sem se preocupar, certamente porque não ~~~~ lhe encontrou rasto. E alguns dos nomes citados não me merecem confiança.

Enfim, a palestra não deixou de ter interesse, pelo menos por apresentar o problema, que aliás é secundario, debaixo dum aspecto novo. Esperêmos pela publicação impressa para se ajuizar melhor.

O P.e Lupercio, no final, fez uma apanhado da argumentação mto bem feito.

E tudo acabou bem. E eu fiquei de muito boas relações com o Padre...

Coimbra.

Janeiro: 20

A Ana Maria, minha Neta, ofereceu-me, quando apara meia a Coimbra, um li-

vro para lembrança do dia 10 do mês passado em que passava o aniversario do meu primeiro artigo impresso. Assim o diz na verba do oferecimento.

O livro é o Beethoven. Vie d'un conquérant, de Emilio Ludwig, em tradução francesa de Jean Longeville. E' volume de 300 paginas in-4º com algumas ilustrações.

Terminei hoje a leitura que foi vagarosa e atenta. A biografia é feita á moderna e principalmente fundada nas cartas do Artista. Q. não tem sido, segundo parece, muito utilizadas. Embora o autor apresente o Musico e faça certas criticas á obra musical, especialm.te as Sinfonias, o que mais aparece no livro é o Homem; e para mim que admiro muito o genio musical de Beethoven, o Homem, apresentado como Ludwig o apresenta, parece diminuir algum tanto o Artista.

Isto é: com certos Genios, se não acontece o mesmo com todos, é commummente não os ver muito de perto. O barro humano de que todos são feitos aparece sempre.

O livro, porem, commoveu-me como já me tinha sensibilizado, por outras razões, o oferecim.to feito pela Neta.

Coimbra:

Janeiro: 26.

Fui hoje a Miranda do Corvo. A tarde es
tava boa embora fria. Uma ida a Miranda é
sempre, para mim, motivo de certo mal estar.
Lembro-me dos tempos idos, dos projectos que
concebi, quasi sonhos; e verifico a necessidade
de renunciar a tudo. Miranda, para mim, é
hoje apenas um rapido episodio trivial da mi-
nha vida; e quando lá vou e olho a paisagem
do vale extenso, fechado pela cordilheira, sinto
que qualquer coisa me falta...

Bem, adeante.

Fui falar com o José Camilo Basto e le-
var a nota historica p.a o tal livro de propa-
ganda dos 25 anos da Revolução Nacional, de
um senhor Luis Ferreira, conforme aqui dei-
xei dito. Ao mesmo tempo queria saber em
que altura ia o projecto da publicação dos meus
trabalhos sobre a historia mirandense.

Conheci, então, o actual chefe da Secreta
ria, chamado Adelino de Carvalho Araujo, mi
nhoto de S.to Tirso, rapaz novo, baixo, aspecto
vivo e inteligente; segundo me dizem é um
auxiliar valioso, sabedor e com vistas moder
nas sobre os assuntos administrativos.

Lá deixei o pequeno trecho que servirá para abertura do capítulo, com a condição de não aparecer o nome do autor. Era o que me faltava, o concorrer publicamente para exaltação do Estado Novo!

Quanto á publicação dos meus trabalhos, percebi que o projecto vinha do chefe da Secretaria. Para este ano, não ha verbas; mas para 1955 contam poder publicar um Boletim em que caibam as monografias históricas e as novas Vidas modernas que entenderem.

Sobre estes assuntos o José Camilo não abriu boca; a conversa foi entre mim e o chefe da Secretaria que me pareceu estar melhor do assunto. O José Camilo, quando me despedia, disse-me:

— Acerca desse assunto, o Amigo entenda-se aqui com este Senhor; e o que fizerem está bem feito.

Dei pois carta branca — e foi bem que a désse. O pior foram é que tudo ficou adiado para 1955; e daqui até lá... não nos dôa a cabeça!

Mas, enfim, sempre ha esperança.

E Miranda lá ficou, ao escurecer, com o seu vale extenso que vai morrer á cardi-

lheira, a encher-se de neblina leve e a deixar fixarem-se lajeiros cantáreos de arvoredos e de casarios. Lá ficou... e eu voltei numa auto motora aquecida, velozmente, por túneis e pontes, enquanto ao fundo um gaiteiro tocára qualquer polka acompanhado pela caixa de rufo e o empregado ferro-viário ensaiava uns passos de dança.

O gaiteiro e companhia vinham da festa de S. Sebastião, de Miranda, celebrada no domingo passado — festa que se prolonga sempre por mais dois dias, com folguedos e foguetório arrimado.

Coimbra.

Fevereiro: 1.

Recebi hoje carta do Pires Monteiro que me fala, muito interessado, acerca do meu Saldanha. O Pires Mont.º apara parece não pensar noutra coisa e não me larga.

A carta é curiosa, cheia de boas palavras e chega a dizer: «O seu Saldanha constituí-"ria uma digna e justa comemoração dos seus "cinquenta anos de vida literária.» E conta-va, outras amabilidades — que não de amigo mas, ao mesmo tempo, de quem não tem

muito que fazer. Contudo, dá-me notícias de certa precisão.

Como atraz disse o meu trabalho está em Tregue, agora, à Comissão de Hist.ª Militar (1); e o general Teix.ª Botelho, seu presidente, ao falar ha dias pelo Telefone com o Pires Monteiro informou-o de que na sessão em que foi presente o meu original, o coronel Faria de Morais, director do Arquivo Historico, declarou-se habilitado a dar esclarecimentos, tanto que já fôra ouvido e o seu parecer desfavoravel; de certo iria repetir a argumentação que lhe ouvi em 13 de Fevereiro do ano findo; o general, porem, com agradecimentos, recusou ouvir o coronel e ouviu um dos vogais, João de Paiva Brandão, major do Est.º Maior que declarou conhecer o trabalho e ser favoravel á sua publicação. Depois, nomeou uma sub-comissão constituida pelo Cap.al Eduardo Guedes de Carv.º Menezes, capitão-de fragata medico Julio Gonçalves e capitão reformado Gastão de Melo de Matos para dar o parecer com a brevidade possivel. Isto passou-se já a alguem tempo, mas pai bem quanto.

---

(1) Neste vol.º a pag.ª 299-300.

Ora o Pires Monteiro, depois de varios considerandos, aconselha-me ou a telefonar ao Eduardo Meneres, ou a ir a Lisboa falar com o Gastão de Matos a quem chama respeitosamente «academico» e insiste na rapidez da m.ª decisão.

Enfim, boa vontade — mas eu fico com pouco de nervosismo.

Ir a Lx.ª de proposito é exagero e eu não quero dar a impressão do pedido ou do interesse em ver o Saldanha impresso. Vou escrever-lhe com conselhos de moderação...

Confio no parecer do Gastão de Matos cuja opinião, calculo eu, será a de maior peso na sub-comissão nomeada.

Vamos a ver, como dizia o cégo; e tenhâmos paciencia como para tudo precisava o marechal Saldanha. E a paciencia é, ainda, um grande remedio.

Coimbra.

Fevereiro 15

Hoje, ás 9 horas e meia, ao abrir as janelas deste meu escritorio, e ao levantar a cortina para ver o Termometro exterior, notei que este marcava 2 grãos abaixo de zero.

A onda de frio continúa a fazer das suas por essa Europa fóra; e eu continúo agarrado a este meu escritório, com o irradiador eléctrico acêso quasi sempre e com as mãos cheias de frieiras, pouco apto, pois, para escrever. Vale-me um colete de lã dos Pirinéus e o velho capote alentejano; e aqui estou á espéra do tempo aquecer...

Paciencia, como aconselhava o velho marechal Saldanha.

Coimbra:

Fevereiro: 8.

Tenho-me divertido um bocado com as respostas e agradecimentos recebidos pela oferta do meu folheto Cinquenta anos depois.

Quero crer que algumas das pessoas a quem mandei o opusculo não perceberam a intenção do mesmo e outras o julgarão talvez uma simples manifestação de vaidade. Ela de tudo.

Pode ser que ainda me venha a copia das suas respostas, por ordem cronologica, e as junte a um exemplar — para memoria.

Tudo vai da disposição.

Coimbra.

Fevereiro: 10.

Ontem, segundo concerto dado pelo Circulo de Cultura Musical. Coube a vez ao violinista Dezy Erlich, precedido de fama bem justificada. Realmente é grande artista e bem que, mas como creio é, poderá dar muito mais. O programa bom, mas para mim um pouco estranho.

Mas, enfim, boa musica; e a perenata da "Suite" italiana de Stravinsky, admiravel e a Tzigane de Ravel, seu exopero, assombrosa. Noite que se póde marcar com fava branca.

Coimbra.

Fevereiro: 17.

Ora lá vai mais um juizo sobre a situação politica actual formulado por um conservador mais ou menos adstrito ao Estado Novo. Trata-se do dr. José Bruno Tavares Carreiro, coimbricense de nascimento, mas verdadeiramente açoreano de São Miguel.

No verão passado vim ao continente e estive em Coimbra onde almoçei com o

secretário-geral do Gov.º Civil, o dr. António da Costa Rodrigues. A conversa recaiu, naturalmente, na política actual; e depois de se fazer referência a sucessos vários mais ou menos estranhos, o José Bruno teve esta frase que vale dinheiro:

— Oh Costa Rodrigues! Que varões de Plutarco não eram os democráticos, comparados com estes filhos de hoje!...

Isto na boca dum conservador, bom subordinado do Estado-Novo, vale, na verdade, muito dinheiro.

Chega-se, assim, á conclusão, de que os nefandos democráticos do Afonso Costa e do António Maria da Silva, eram varões de Plutarco... Como o Tempo se encarrega de fazer justiça!

Coimbra.
Fevereiro: 19.

O Fidelino de Figueiredo, em paga do seu Cinquenta anos depois que lhe mandei, ofereceu-me quatro opúsculos seus, entre os quais um, com título Balzac de cór, me provocou interesse. É claro que tive de lhe agradecer as ofertas e lá foi hoje uma carta de

agradecimento com a promessa de uma visita durante a m.ª proxima estada em Lisboa. Estas cartas de mera cortezia custam a escrever como todos os diabos.

Mas lá foi, o melhor possivel.

Lisboa.

Fevereiro: 24.

De novo em Lisboa. Mais uma vêz deixei fechada a m.ª casa; o meu escritorio e os meus livros e a m.ª querida papelada, lá ficáram á espera... que eu volte.

Ora como hoje é 4.ª feira, lá fui á Revista Militar ver o Pires Mont.º e outros amigos que á mesma hora se juntam. Lá estava o Vitorino Guimarães, o Raul Esteves, em regra pontuais. Conversa para aqui, conversa para acolá, o Raul Esteves, apesar de se dizer catolico, bravejou contra a Igreja e o Clero de maneira que me admirou e que fez com que os outros tres da palestra se entreolhassem surrateiramente.

Este Raul Esteves é um individuo um tanto ou quanto problematico. Reaccionario fundamentalmente, monarquico não sei se sincero, tem por vêzes expressões que dei

xam os outros intrigados, com vontade de lhe preguntar se ele não estará a caçoar com os amigos. E' creatura enigmatica que, aliás, se tem sabido governar excelentemente.

Adeante.

Como, a certa altura, o Esteves se fosse embora, o Vitorino Guimarães contou, a proposito da projectada homenagem á memoria do Ferreira do Amaral [redacted], o episodio curioso que não ficará mal aqui, neste meu amontoado de lembranças de toda a especie.

Quando o Vitorino Guimarães foi presidente do ministerio andavam insolentes e intoleraveis certas creaturas que por meio de bombas e atentados mantinham ambiente desagradavel. Sabia-se que por detraz daquela aparente indisciplina andava certo auxilio dos conservadores, fossem estes de que especie fossem; e o receio de cair em resoluções ilegais ou ditatoriais, levava os governos a não procederem como mais ou menos toda a gente exigia, isto é: á bruta.

Ora um dos cuidados do Vitorino Guimarães e do ministro do Interior que era o Vitorino Godinho, ao iniciárem o governo,

foi o de acabar com esse ambiente de terror que se ia espalhando em Lisboa e até pelo país fóra. Queriam, porem, proceder dentro da legalidade e a resolução de uma rusga completa a todos esses malfeitores e a remessa deles para o ultramar, parecia-lhes acto fóra das leis vigentes.

Consultado o ministro da Justiça, o dr. Albano Coutinho creio eu, este observou q. nenhum criminoso podia ser julgado fóra do distrito judiciário onde o crime fôra cometido; mas como a Guiné e Cabo-Verde estavam, ao tempo, dentro do distrito judiciario de Lisboa, os homens podiam ser mandados para lá e em qualquer daquelas colonias serem julgados.

Resolvido assim o problema da legalid.e mandáram chamar o Ferreira do Amaral então comand.te da policia; e com grande espanto deles, ao exporem o plano da limpeza de Lisboa, encontraram a maior reacção e resistencia no Amaral... Este alegava que não era boa politica, que a rusga iria acirrar os animos, que era melhor deixa-los á vontade, que ele se encarregaria a pouco e pouco de os reduzir.

Estes argumentos se bem que não fizessem recuar os dois ministros, demoraram contudo a resolução que afinal veiu a ser tomada com energia algum tempo depois, fazendo-se a limpeza geral á capital e arredores.

E o Vitorino Guimarães, ao terminar a recordação do episodio, fez notar que não foi o Ferreira do Amaral, no fim de contas, quem promoveu e levou a cabo a eliminação dos malfeitores e que, nos dias seguintes ás prisões de toda a malandragem, foi atacado na Camara dos Deputados pelos representantes catolicos que lhe lembráram os deveres do Governo pelos Direitos do Homem...

E agora, com a actual situação politica, é o Ferreira do Amaral que é celebrado e é a Igreja catolica que sustenta toda esta engrenagem governativa onde os direitos do Homem são respeitados como se sabe hoje...

E depois dum silencio, os tres velhos liberais, contemporaneos de estudo e amigos com sinceridade, olharam-se, encolheram os ombros e... mais nada.

Que comentarios mereceriam tais contrastes? E com o cair da tarde e o escu-

recer da paleta da biblioteca onde estava-
mos, uma grande tristeza nos invadiu
e certa comoção nos embargou a voz.

Se alguem ler isto, no futuro, que tire
as conclusões que entender. Os factos aí fi-
cam, com simplicidade.

Lisboa:

Fevereiro: 25.

A Maria Lina, a filha do tom Ferreira
Lima aí esteve, até tarde, a refrizar no mes-
mo assunto: a garrettaria.

Pareceu-me que o seu estado mental
é muito melhor; mais alegre, sem a sua
velha ideia fixa, conversa com bastante
acerto e vê melhor as coisas. No entre-
to não tomou ainda resolução acerca da en-
trega do espolio garrettiano e está indecisa
a respeito da sugestão que deu o actual di-
rector da Biblioteca Nacional, q. pretende no
novo edificio que se vai fazer no Campo Gran-
de, guardar uma sala p.ª toda a livraria do
Pai, sala que ficaria com o seu nome.

Ora a sugestão é para seduzir. E se
de sugestão passar a promessa legal, que
no crer que a Faculd.ª de Letras de Coimbra

ficará sem o rico espolio garretteano e o dr. Costa Pimpão terá de chuchar no dêdo...

Cada qual puxa a braza para a sua sardinha; e como a pobre Maria Lina continua com indicisões, quem tiver mais habilid.e é que ganhará a demanda.

Já tenho certa pena de me ter metido no caso. Ninguem me mandou ser tolo.

Amanhã, de manhã, vamos por esse Alentejo fóra, para o Algarve. Serão seis dias de excursão por sitios onde ha quasi quarenta anos não vou. Voltarei a vê-los com prazer; o piór é que poderei repetir como o Tomaz Antonio Gonzaga: «são estes os "sitios, são estes; porem, o mesmo não "sou...» A diferença é que eu não chamarei pela Marilia.

Vila Real de S.to Antonio:

Fevereiro: 27

Pois é verdade... Estou em Vila Real de S.to Antonio, povoado que a visão pombalina creou á beira do Guadiana, em frente a Ayamonte. Ontem, por esse Alentejo abaixo, com a velocidade do automovel e

o desejo de chegar com luz do dia a Faro, real fixei os varios aspectos do percurso que andou por uns 270 quilometros.

Primeiramente Setubal, bastante reodernizada onde se fez a primeira paragem; depois Alcácer do Sal, com mau aspecto decadente e triste, apenas com ligeira perspectiva alegre para o rio; e a seguir a transição para os planos alentejanos, entre soleirais e recortados, por aí abaixo, ao longo de grandes retas da boa estrada alcatroada.

Ao aproximar de Ferreira do Alentejo, á sombra dum azinhal onde cresciam cardos e um ou outro funcho, fez-se segunda paragem para almoço — que terminou a valer com o café e chá, necessarios a seguir a comidas frias, num «bar» regional de falso folk-lorismo na vila de Ferreira.

Quiseram puxar a regionalismo alentejano e deram um «bar» aos viajantes incautos. Que lhes preste — e viva o nacionalismo!

Largando Ferreira, por aí abaixo, entrou-se no verdadeiro Alentejo, de planuras sêcas, poucas arvores, e para um

e outro lado o aspecto da solidão completa e a impressão do silencio.

Em Aljustrel que vimos á direita, evoquei os quadros tão bem descritos por Brito Camacho de cênas alentejanas; em Castro Verde não escapou a lembrança da polémica de Ourique; e ao aproximar de Almodovar, e das primeiras ondulações que levam ao encadeado do Caldeirão, eu creio que senti o cançasso da planura e da vastidão sem fim do horizonte, em que o casario de Beja por veres aparecia, á esquerda e ao longe, a lembrar que havia gente por aquelas paragens infinitas.

Mas passado Almodovar, o cenario muda por completo; a estrada serpenteia por entre ondulado constante, em curvas e contra-curvas, subindo o maciço intrincado que nos separava do Algarve. Terreno seco, com azinheiras, sem graça, que contrastou com a planura e que me deixou um tanto ou quanto «desapontado» a respeito da apregoada belera da serrania.

No alto, o miradoiro do Caldeirão, onde soprava vento agreste, deixava ver ao redôr e com vastidão o ondulado sem graça do

maciço a que a luz da tarde e ligeira neblina davam tons de tristeza. Mas, enfim, com mais uns quilometros andados em outras curvas e contra-curvas, chegámos a ponto de onde se avistou o desejado Algarve.

Mutação completa; e com a aproximação de Alportel o contraste quasi deu a impressão de deslumbramento. Que beleza a do panorama da varanda da Pousada de São Braz onde subimos para descanço e para a merenda reconfortante! Os olhos que já vinham cançados das solidões alentejanas alegráram-se, sem duvida, ao dar com as encostas cheias de verdura, com os aglomerados de casarío, com os plainos ferteis que se perdiam de vista até ao mar. O entardecer fazia mais doce o cenario magnifico; e aquela varanda da Pousada, com as suas cadeiras cómodas e os abrigos da nortada, davam a perfeita sensação do conforto e do bem estar.

Louvámos o António Ferro que teve tão feliz ideia; e a serenidade do entardecer até fazia com que a merenda mandada pôr na mêsa fosse esquecendo. O cenário e a tranquilid.e daquilo tudo exerceram acção quasi

dissolvente sobre os nossos organismos que vinham desejosos duma xicara de chá quente e duma torradinhas apetitosas.

Louvado seja pois o voluntoso António Ferro!...

Estávamos finalmente no Algarve e, seja dito, com tão bons auspícios.

A paisagem bela e reconfortante; uma pousada acolhedora; e depois até Faro, já noite, uma larga estrada quasi sempre iluminada, que atravessava constantemente povoados alegres.

A cidade de Faro, com largos arrabaldes, surge-nos pem quasi se dar por isso; a certa altura, um polícia-sinaleiro foi o indício de que estávamos na capital algarvia. De informação em informação fomos parar ao Hotel Aliança, indicado como o melhor da terra; rua estreita que deita para larga avenida em frente ao grande canal ou esteiro, donde chegava certo cheiro a maresia; creadagem fardada que tomou conta da bagagem que saiu da caixa do carro; subida aos quartos que nos destinaram, mobilados confortàvelmente á moderna; e daí a pouco o

jantar bem servido na vasta sala sóbria, como agradavel remate para um dia cheio de impressões tão variadas e carregado com alguma natural fadiga.

Ora hoje de manhã, tomada a refeição a que as normas civilisadas não deixam que se chame dejejua, saí á rua e á larga avenida que deita para a grande doca. O ar era fresco e a atomosfera de transparencia tal que a impressão recebida foi a mais agradavel possivel. Leve cheiro a mareria; no jardim á esquerda, umas amendoeiras grandes davam a côr local ao ambiente; para a direita, pela avenida fóra, movimento em gente e em carros de certa importancia e para o sul, apesar da serenidade da atomosféra, mal se lobrigava o largo mar de onde subiam leves colunas de fumo.

O que ontem á noite vira de Faro, que deu a impressão de cidade velha e parada, desapareceu com este novo aspecto alegre e movimentado de terra progressiva. Edificios bons, voltados para o cáis; um jardim composto onde sobresaiam amendoeiras

em completa florescência; e na doca, assim como na larga avenida, sinais evidentes de vida.

Mas não havia tempo para perder; era necessario apanhar aqui o vapor para Ayamonte e Faro ficaria para o regresso. Largámos estrada fóra, com vontade de andar depréssa. E na verdade, com 50 quilometros á hora, percorrêmos a belo caminho, atravéz duma paisagem serêna, com aspectos, para um e outro lado, de certa abundancia e a impressão da verdadeira pacatez de vida. Grande quantidade de jardins a rodear casas isoladas que davam fisionomia feliz ás residencias. Aqui e alem uns nucleos de amendoeiras, todas floridas, para afirmar que não era simples muito a fama da beleza espalhada com exuberancia pelo país fóra.

De relance, passámos por Olhão onde se viu larga avenida, com grandes prédios do estilo moderno incaracteristico que o Estado Novo proteje não sei se para fazer desaparecer o que havia de pitoresco e tradicional; Tavira, porem, compensa pelo contraste: cidadesinha recolhida, muito com-

posta, casario baixo mais ou menos com ares afidalgados; pouca movimentação e a propria ria que atravessa a terra tinha aspecto de contemplativa...

Depois, a paisagem serena continuou, a mesma pacatez de vida, o mesmo ajardinamento nas propriedades; passámos por Cacéla onde lembrei a mª Neta o desembarque do Duque da Terceira em 1833; e finalmente, num pequeno alto da estrada, eis que se avistou Ayamonte e o espelhado do estuario do Guadiana.

Estávamos a chegar e a horas. Espanha estava á vista e em qualquer ondulação da estrada, começava a ver-se o casario de Vila-Real, espalhado chatamente contra a agua parada do rio e que apareceu a nossos olhos com armazens, edificações baixas para fins industriais, barracões escuros e sem graça — a inevitavel extensão de terra maritima e fronteiriça que a vida moderna oleriga a crescimento.

A' entrada da vila, propriamente, nota-se logo o rigorismo da planta pombalina: arruamentos paralelos, edificios que não passam de 1º andar; a praça central, rec-

tangular, com a igreja ao nascente, a Camara municipal ao sul e ao centro o monumento comemorativo da fundação, tipicamente do tempo, não só na arquitectura como nas inscrições.

A policia guiou-nos para o hotel Guadiana, no cais, nessa altura cheio de sol que fazia brilhar o rio largo, sereno, com aguas tão tranquilas que mais parecia um lago. O cenario tem certa grandeza a que o casario de Ayamonte, m.to branco e com perfil irregular, dava ~~com~~ algum pitoresco.

O porto não tinha barcos; apenas um grande rebocador, com fumaceira pela chaminé, subia com imponencia a corrente, levando a reboque duas fortes barcaças carregadas. O mais era de impressionante serenidade, de quietação quasi perfeita. O rebocador era a unica coisa movediça no ambiente — ambiente que me fez recordar uma descrição de Fialho de Almeida em frente do Tejo contemplado do terraço da estação do Barreiro.

Havia ali, tambem, qualquer coisa de "semi-cupio morno" como o prosadôr dos Gatos notou no outro estuário. E se

não fosse uma aragem um tanto ou quanto agreste que vinha de nordeste, a impressão recebida seria a melhor possível. E essa impressão continuou durante o almoço, no refeitório do hotel, a uma mesa junto das vidraças que deitavam sobre o rio.

À mesma quietação das águas, a mesma transparência de atmosfera; e, de vez em quando, a velasita dum barco a cruzar a placidez da paisagem marítima — tão amena, tão calmante!

O marquês de Pombal, de temperamento tão duro e inflexível, teria vindo aqui para escolher local apropriado para a projectada vila fronteiriça? E se assim, compreender-se-ia esta paisagem?

Depois do almoço, Castro Marim.

Na m.ª imaginação, a vila de Castro Marim aparecia-me apenas como terra de degredados, tantas vezes este nome me surgia em documentos de vária espécie, em especial nas sentenças inquisitoriais. O que seria pois essa vilória para onde se lançavam os criminosos e os réprobos? Teria ver uma espécie de Purgatório

dongo, nas Pedras Negras de Angola, degredo celebre de outros tempos?

O meu interesse era, pois, desvendar esse mistério.

Meti-me numa tranquitana m.to pitoresca, antiga vitória ou milord, quasi sucata, de capota ao alto forrada a chita moderna e puxada por um cavalicoque [redacted] quasi no genero do do Tolentino. Em Roma sê romano!... Ir a Castro Marim de automovel seria um contrasenso...

La fui pela estrada fóra, bem calçada com paralelopipedes de granito, entre terrenos baixos e alguns esteiros sem beleza. O Guadiana mal se vê; mas Ayamonte avulta sempre, á direita, branquejante, com perfil curioso do aglomerado ainda relativamente grande a reflectir-se nas aguas paradas, quando, em certos intervalos do terreno, se lobriga a corrente tranquila do rio.

Castro Marim aparece, a certa altura, transposta uma ponte sobre um braço qualquer de agua; uma fortificação á direita, outra mais alta á esquerda e o casario entre esses dois marcos do seculo XVII, tristes padrões abandonados mas que parecem ain-

da lér a tarefa de querer guardar a visinhança.

Chegámos. O cocheiro que, durante o caminho, quis conversar e me informou de que a chave do castelo estava na Câmara Municipal, depois de arrumar a sua cavalo do largo central a carripana e de me oferecer a sua modesta residencia ali perto, foi solicitar a licença p.ª a entrada na fortificação. Enquanto o homem foi e veio, olhei á roda: uma larga praça, de prédios de feição modesta e antiquada, deveria ser o centro oficial da vila. Na minha frente o edificio da Câmara, com um só andar, não dá na vista; e só mais abaixo vê continuação da praça se vê uma edificação moderna, o novo mercado, a indicar o dedo dos arquitectos do Estado Novo.

Que sossêgo, que pacatês! Umas crianças brincávam a um cavalo — e era o unico sinal de vida!... Que feliz que deve ser esta gente de Castro Marim!

Nisto chegou o cocheiro com um empregado camarario que trazia umas chaves enormes, a tilintar. Subimos por uma calçada aspera para um grande portal

da muralha; e aberto o pesado portão de madeira, entrámos no interior desmoronado, com pedregulhos por todos os lados, restos de cantarias e umas amendoeiras floridas a rirem-se ás claras do contraste com tanto descalabro. Restos da fortificação medieval acusam traça de certa importancia e achei interessante verificar que rara era a pedra que não tivesse ainda, bem visivel, a sua sigla.

Assomei ao passadiço que deita para a vila, correspondente a uma cortina do traçado abaluartado certamente seiscentista; lá estava o aglomerado todo á vista, quietinho, muito bem arrumado entre o grande cabeço onde construiram a fortaleza e um outro, ligeiramente a sudoeste, em que domina o chamado forte de São Sebastião, visivelmente do seculo XVII, dos tempos da Restauração.

A mesma tranquilidade, o mesmo silencio á volta. Do casario modesto sem o aspecto progressivo de outras terras que atravessei, quasi não subia qualquer ruido alem duns gritos da creançada que brincava algures; o Guadiana lá ia seguin

do o seu caminho para o mar; dos es-
teiros que ligam com o rio não avistava
qualquer sinal de movimento; para o sul
lê o ondulado do terreno não dava largo
horizonte; e apenas para o sul Vila Real
tinha sinais de vida.

Fiquei-me um pouco a olhar o cas-
rio em baixo; encostado ao parapeito da
muralha, apesar da aragem agreste, cau-
derei aquela tranquilidade e aquele silen-
cio... Será feliz a população de Castro-
Marim? A estrada alcatroada que segue
para Beja, única ligação com o mundo,
não lhe dará uma ou outra sacudidela?
Enfim... Ao deixar a muralha e ao descer
para os terreiros pedregosos, vieram-me á
ideia velhas tendencias de isolamento, de
fuga; Castro Marim, abrigado entre dois
montículos fortificados, tão arrumado e
modesto, tão silencioso e recolhido, teve
o condão de me ~~~ fazer reviver feridos
anseios.

Mas viverão felizes essas habitantes
da velha vila? Não terão, afinal, na tran-
quilidade daquele ambiente pedestre, as mes-
mas paixões e os mesmos desejos que

abundam nas terras movimentadas e bu-
liçosas? Sabe-se lá!

Com estes pensamentos desci para a vila, agradeci ao funcionario camarario e dirigi-me para a carripana. O cocheiro enfreava o cavalicoque que até então comia pacatamente a ração de palha; e depois de nova olhadela ao redôr da praça e de considerar o sossego e o silencio da terra, subi para a vitoria e o cocheiro fez andar aquele conjunto arcaico de transportes.

Terra de degredo?... Sei lá!... Voltei de Castro Marim com a impressão de tristeza de quem, vagamente, imaginou em tal ambiente a possibilidade duma vida tranquila...

Fantasias de cabeça velha.

A' volta, a mesma estrada de paralelopipedos, os mesmos terrenos baixos, os esteiros salgadiços. E tomado o chá das cinco, confortavelmente, junto das vidraças da casa de mesa do hotel, em frente do estuario magnifico, com aguas tranquilas e espelhadas, vi cair o primeiro dia algarvio com um poente magestoso.

Vila Real de S.to Antonio contrastava com Castro-Marim. Aqui ha movimento, ouvem-se ruídos de toda a especie. O marquêz de Pombal viu ao longe.

Faro:

Fevereiro: 28.

Hoje de manhã, em Vila-Real, ao tomar o meu chá com torradas, atraver do envidraçamento da casa de mesa do hotel, vi o mesmo Guadiana de aguas tranquilas e espelhadas, a mesma sanvidade de paisagem maritima, a mesma tepida atomosfera de «semi-cupio mórno» de que falava o Fialho no cáis da estação ferro-viaria do Barreiro.

Depois, a caminho para aqui. Metêmos á estrada do farol da barra: a mesma translucidez da atomosfera, e o mar, como que querendo acompanhar a harmonia do conjunto, mal largava umas pequenas ondas cuja espuma, de encontro á luz do sol, nos aparecia, aos poucos, iriada. Havia, em tudo, certo encantamento; e a propria temperatura, tepida, primaveril, era aliciante.

Assim, pela estrada plana, entre arvores, com o mar perto, á esquerda, chegámos a Monte-Gordo — vasto areal ou de surgiu uma povoação moderna, de chalets de variadas aspectos, de ruas paralelas, onde no verão a burguesia do Algarve vai repousar e divertir-se. O Brito Camacho, de que não esqueço, dedicou em um dos seus ultimos livros, umas paginas a esta admiravel praia onde o mar, de não menos admiravel serenidade, é mais um lago ameno do que aguas oceânicas de ondas fortes. E na verdade é admiravel que esta já grande povoação venha a ter futuro de importancia.

Estrada fóra, para Tavira, o mesmo cenário da vespera, alegre, entre propriedades bem cuidadas, casas com jardins á volta, renques ou ródoas de amendoeiras floridas — tardiamente floridas por causa do frio e néve que cairam inexplicavelmente em Janeiro.

Em Tavira, paramos para almoçar. A impressão da ontem aumentou hoje com a demora de umas horas. Para o meu feitio, Tavira é uma cidadezinha

agradavel, passeada, bem arrumada, com o seu aspecto antigo e pouco progressivo mas com aparencia de vida tranquila e agradavel. Percorrendo as ruas quasi sem movimento, notei os predios bem razoados, em regra do seculo XVIII e muitos do anterior, de certo correspondentes a periodo prospero da povoação; notei, com curiosidade, as peixas de madeira em abundancia, de entrelaçados desenhos, muitos de sabor arabe. E por sobre tudo isto, o silencio de terra morta...

Como hoje foi domingo gordo, no cais que deita para a ria ou esteiro (não sei se é assim que chamam) havia ainda assim, certa animação de que um grupo mascarado a que é costume, agora, classificar de folk-lorico, era mais ou menos o centro de atração. Mas no resto da cidade, as ruas e as casas fechadas davam a sensação do abandono, duma completa tranquilidade — que, francamente, achei simpatica.

O esteiro, ou ria, com as suas aguas paradas casa-se bem com a quietação do ambiente. Nuns momentos em que me encontrei ao paralleilo da ponte que o atravessa no centro da cidade, e em que contem

plava, com interesse, a serenidade do ambiente que se afigurava acolhedôr, pensei que, ao longo da vida errada, não tive a boa sorte de um dia me atirarem para ali onde o meu espirito poderia encontrar, embora temporariamente, algum repouso reconfortante.

Mas não tive essa sorte. Aquelas aguas paradas que espelhávam os mastros dos barcos amarrados ás muralhas, a transparencia da atomosfera, aquela paz só perturbada por afastada algazarra em homenagem ao dia soléne do Entrudo... Tudo isso causava-me certa comoção. Adeante.

Ao fundo, á esquerda, em grandes letras lia-se numa parede branca Arraial Ferreira Neto — a indicar que a terra não era tão morta que não tivesse uma importante industria de conservas; e é saída, ao largar Tavira para aqui, um largo arruamento que leva para a estação do caminho de ferro, com predios modernos, quer demonstrar que o progresso não a abandona por completo.

Não sei se direi ainda bem se ainda mal. Agora, o caso é-me indiferente...

De certo não voltarei a Tavira. E o que me fez commover foi o não querer a Sorte, o Destino ou o que quer que seja, que não tivesse gosado alguns mêses da minha vida naquele recanto tão acolhedôr e sossegado.

Estrada fóra, passada rapidamente a Fuzeta de que não colhi impressões, entrámos em Olhão.

Da estacionaria Tavira, caímos quasi sem transição, na progressiva e estuante vila de Olhão.

Entrada modernissima; larga avenida com predios de residencia e arrendam.to de grande effeito; aspecto geral de riqueza; muito movimento; muita creança nos talhões ajardinados; apparelhos de radio, em alta voz, informavam de certo desafio do internacional foot-ball. Apparencia duma grande terra, de vida activa e moderna.

Seguindo, começam arruamentos mais estreitos, com predios bons mas mais antigos, entre 40 e 80 annos; estabelecimentos de boa apparencia, principalmente modas, sapatarias e outras, a mostrarem facilidades de vida.

Depois, continuando p.ª sul, para os lados do porto, depára-se com o velho Olhão, de ruas estreitas, algumas muito estreitas e tortuosas, com casario alto de açoteias arabes e o cheiro caracteristico da ruça resia e do peixe amontoado.

Passado o labirinto de ruelas, o porto teem ar desafogado; mas nada de novo se vê no conjunto dum mercado banal, da alfandega, dos serviços maritimos, etc. etc. Os olhos ficáram no casario para mim estranho das açoteias mouriscas.

Numa das ruas, como chamasse a atenção para um pátio onde se via a escadinha para a açoteia, a dona do predio, uma mher modesta, convidou-nos a subir. E na verdade, desse pequeno terraço, embora não muito alto, o espectaculo era para mim inedito: para um e outro lado, a impressão era a de um aglomerado marroquino ao qual não faltava a cupula ou meia esfera de uma igreja a dar o perfil de cupula duma mesquita. Mulheres, nesta ou naquela açoteia olhávam melancolicamente a rua respectiva e as mais proximas consideráram com curiosidade este grupo

de visitantes que se admirávam dum espectaculo já tão velho, para elas, e talvez incompreendido.

A mesma dôna do predio, porem, ao ver a nossa atenção e interesse, foi amavel e convidou-nos a subir á açoteia dum 2º andar duma casa proxima, de sua irmã, já construção mais recente. Desta, o cenario era mais vasto e mais curioso: o velho bairro era quasi todo abrangido e ainda para norte, a parte mais moderna; para sul os esteiros e os braços de mar que servem o porto olhanense viam-se bem.

Espectaculo unico no país, creio eu, que merece ser visto, atentamente, sem preocupações das horas de partida e de chegada. Espectaculo que fica nos olhos, de certo, a todo aquele que se impressiona com novos aspectos de paisagem e a variedade das manifestações da vida humana.

Ao voltarmos para a avenida, considerei que o velho Olhão se desenvolveu de sul para norte, bem á vista, em duas fazes bem distintas, das quais a ultima, modernissima, ameaça subverter o primitivo povoado.

Poderá não ser assim. Estas impressões de momento são, muitas vezes, falsas.

Quando nos metemos no carro, para o regresso, na grande avenida moderna, descia do lado da ~~estrada~~ estrada uma multidão compacta de homens e de mistura muitas mulheres; multidão compacta, como disse, e funda, até ao alto; ao chegarmos á estrada havia aumentado aumento de automoveis e carrinhetas que nos obrigou a esperar.

Ia numa desafio de foot-ball; e toda aquela gente vinha de lá, animada, a discutir, a gracejar com vivacidade. Não se tratava dos tremendos sucessos internacionais e muito menos da vida politica interna que sobressalta alguns espiritos. Nada d'isso: do que se tratava era da bola...

O aumentamento de viaturas custou a desfazer-se; a tarde caía serenamente e o poente alaranjava-se com certa arte. A estrada até aqui, sempre muito movimentada; notava-se alegria nas gentes e até na propria paisagem cheia de frescura. Ainda bem! As preocupações do meu espirito não contaminavam esta provincia feliz e farta.

A' chegada ao hotel Aliança, notámos grande movimento. A casa estava apinhada de excursionistas e tivémos de esperar por vaga nas mesas do refeitorio. Gente de toda a especie que corria o Algarve em cata de impressões ou simplesmente para gastar dinheiro.

Enquanto se esperava a vêr e na altura em que atravez dum excelente aparelho de radio a Emissora anunciava a cronica desportiva, umas senhoras correram e rodearam a mesa atentamente: era ainda a bola a despertar o interesse...

Dia de impressões e comoções diferentes: de manhã o «semi-cupio môrno» do Guadiana; á tarde, depois da tradicionalista Tavira, a progressiva Olhão da Restauração; á noite a perseguidora mania da bola... E para remate, antes de dormir, ainda terei que ler umas paginas da Historia das Ideias Republicanas de Teofilo Braga que meti na maleta para haver sempre contrastes com as impressões diarias.

Pois vamos lá chamar o sôno com as paginas compactas do velho Mestre.

Praia da Rocha.

Março: 1.

Aqui estou, na Praia da Rocha, após trinta e nove anos de ausencia. E que diferença!... Diferença no local e diferença em mim proprio. Trinta e nove anos são uma vida.

Ora de manhã, em Faro, a mesma tranquilid.e da atmosfera, a mesma transparencia e a mesma graça das amendoeiras floridas do jardim ao pé da grande doca. A temperatura agradavel convidou a uma volta pela cidade: na parte antiga, central, nota-se a progressão do arranjo moderno nos estabelecimentos; mas para a periferia ha evidente expansão, talvez apressada, com o casario do typo usado em Lisboa, sem graça, uniforme, incaracteristico, a marcar este periodo historico do Estado-Novo.

Ha porem uma parte ainda arcaica que se vê com agrado, na maioria do seculo XVIII, talvez correspondente a epoca de prosperid.e economica. O pouco tempo de que se dispunha não deixou ver com a atenção devida a Sé, templo

sobre em que se cruzam estilos e maneiras; e não deixou ver outros templos e certas curiosidades dignas de visita.

Ficou-me, contudo, a impressão agradavel duma terra arejada, modernizada, acolhedora pela temperatura e serenidade do ambiente.

Podia ter errado nas impressões. Nada mais (difícil) do que querer fixar com alguma exactidão as fisionomias das terras por onde se passa a correr, a andar sempre, á velocidade normal do tempo presente. Figurei, juraram, com a melhor tolerança de faro de que não fazia qualquer ideia.

Estrada fóra, para Portimão, a mesma paisagem suave, tranquila, mansa, com o aspecto agradavel de vida facil; as mesmas habitações rurais rodeadas de jardins em que abundam as amendoeiras agora ainda floridas com alegria; enfim, o mesmo cenario ameno, sem grandes contrastes, que impressiona pela quietação e pela aparencia da abundancia.

Poderei dizer: Feliz Algarve? Sei lá!... Sabe-se lá o que ha por detraz de

tão risonhas perspectivas! Quem sabe da amargura que vai por esses prédios alegres rodeados de jardins tão amenos!...

Enfim, estrada fóra, o meu cérebro ia esperdiçando variadas considerações perante o que os olhos iam vendo.

Eis Albufeira — verdadeira surpreza. Como descrever a terra, alcandorada tão pitorescamente em altas e abruptas ribas? Como descrever a peremptoriedade do mar que hoje parecia lago, com a mesma transparencia da agua que ha 39 annos me encantava? E como deixar impressões daquele cenario que tinha qualquer coisa de italiano [redacted] e que era, antes de tudo, de indiscutivel encanto?

A passagem foi rapida; uns dez minutos perdido na esplanada, á saida do tunel que recentemente se abriu, foi o sufficiente para me deixar abalado...

Abalado, sim, repito. Como é que só ao fim de 74 annos de vida me encontrei com recantos daquelles, tão bellos, tão calmantes, tão dignos de demorada e extatica contemplação? E a minha commoção veio de pensar que, certamente, ficarei apa-

nas com esta fugitiva lembrança e que não mais verei tão empolgante refugio consoladôr.

Adelante!... como dizem os nossos actuais amigos espanhois.

E o automovel seguiu, estrada fóra, por terrenos mais ondulados. Kilometros andados, surgiu Alcantarilha, alegre povoado que se viu de relance, á direita, ao subir por curva bem lançada. Depois veiu Lagôa, pobre vilória parada, onde eu sabia haver oleiros de barro vermelho que desejava visitar. Nas ruas, como ainda se festeja o entrudo, havia aqui e alem um ou outro ajuntamento mas com ares tristonhos como se celebrasse o enterro das tradições folionas

Procurei olarias. Encontrei uma, apenas, á entrada nascente da vila. A mesma pobre gente que encontro em toda a parte; e os artefactos, tirante os formatos ou certo geito nas curvas dos pucaros ou vasilhas, são quasi os mesmos. Mourejam de manhã á noite, inconscientes de que ~~[illegible]~~ são artistas acorrentados a um miseravel ganha-pão.

Pobres homens! Os mesmos que conheço de Miranda do Corvo, ou do Sobreiro dos arredores de Mafra. O mesmo ramerrão que já deve vir dos seculos dos seculos.

Mas Portimão aproximáva-se. Passada uma portela, deparei, á direita, com Estombar: estava em terras já pisadas ha quasi quatro décadas. Pedi para uma rapida paragem do carro...

Estombar foi o meu primeiro e verdadeiro contacto com o Algarve quando, numa tépida manhã de Fevereiro de 1915, ao alvorecer e numa paragem do comboio, eu deparei com um povoado m.to branco, de perfil marroquino esfumado por nevoa um pouco densa que a luz solar ainda fraca não conseguia romper de todo. Em baixo, na estrada, mais ou menos no local onde agora estavamos parados, um burro com cangalhas passava, nas quais um homem envolvido em qualquer manto esbranquiçado se mantinha sentado, de pernas encruzadas á maneira arabe. Ora depois de uma noite passada no comboio pelo Alentejo abaixo, a surpresa foi natural e, sem querer, preguntei a mim mesmo se ainda estaria em

territorio português ou se por qual prodigio ou feria galgado o mar e caído em terras marroquinas.

Estas impressões da madrugada de Fevereiro de ha 39 annos surgiram-me enquanto não sei se com saudade se por mera fantasia; mas figurei, ainda assim, uns minutos contemplativo — notando tambem que o perfil do povoado não era já o mesmo e que, num ponto e noutro, edificações modernas no chamado estilo "caixote" tinham toda e qualquer aproximação com o norte de Africa. Com gesto instintivo, afastei recordações e o carro seguiu estrada fóra...

Portimão apareceu lá a pouco. Lá estava, á esquerda, o mesmo castêlo de Arade, que me encantára na tal manhã de Fevereiro, já então dia claro, ao sair da estação dos caminhos de ferro; lá estava o rio de Silves, calmo, de aguas paradas e a mesma tranquila e clara atmosfera.

Ao atravessar a ponte sentiam-se foguetes na cidade e aos ouvidos chegavam sons metálicos de filarmonicas; nos largos que deitavam para o rio, viam-se bandeiras em mangues. Portimão estava em festa

carnavalesca e percebia-se, nos terreiros juntos do rio, que passavam carros alegoricos ou coisa que o valha. Alegria a rodos...

Ao entrar na cidade tivemos que dar voltas para não interromper o folguêdo; no relance da passagem pareceu-me notar sensivel progresso quer em edificações modernas quer na extensão do povoado e, ao mesmo tempo, esbarrámos com o eterno grupo "folk-lorico" com trajos chamados "regionais" que em certo largo dançava melhor ou pior o tradicional corridinho.

Mas tudo isto foi de fugida. Dentro de pouco estavamos aqui, na Praia da Rocha, onde estive em Maio de 1915, numa tarde, á volta para Coimbra.

Que mutação!

E' certo que trinta e nove anos são uma vida; mas tambem é certo que desse tempo poderia ter ficado qualquer coisa que lembrasse essa tarde recuada. Não senhores: por mais que olhasse não reconheci a Praia da Rocha! A propria praia, de tanta fama e proveito, pareceu-me que não era bem a mesma... Como Diabo se operou tão completa transformação?

Hospedados no Grande Hotel da Rocha, sobranceiro ao mar, com excelente vista para a serra de Monchique, a tarde passámo-la em contemplação da Natureza que, na verdade, ali é excepcional. Um miradouro moderno, mais a jusante, descobre um bocado da baía de Lagos limitada pela Ponta da Piedade e os telhados da povoação de Ahôr; e o mar, o mesmo mar tranquilo, de aguas translucidas, batia em baixo, suavemente, com ondas pequeninas.

Mas eu continuava a desconhecer o local. A transformação foi completa ou a minha memoria não foi capaz de reter o aspecto da estancia de outrão. Perguntando a certo individuo onde era o Hotel Viola, o melhor que havia em 1915, respondeu-me que era aquele onde eu estava hospedado...

Olhei o belo e moderno edificio: como tudo se transforma! Como da modesta hospedaria de ha quatro decadas se chegou ao moderno e confortavel hotel de agora... Como eu havia eu de reconhecer a casa?

A tarde caia soberanamente. Calma completa. A vida poderia ter, realmente, momentos agradaveis. ~~Este~~ Este ambien-

te é aliciante; ha em tudo qualquer coisa de absorvente e de tal poder de calmaria que, na verdade, dá ensejo de dizer que a vida poderia ter momentos bons...

Mas, infelizmente, não tem.

Sagres.

Março: 2.

A manhã, na Praia da Rocha, uma beleza. O mesmo mar quieto e transparente, a mesma suavid.e da atomosfera. Do miradoiro onde ainda fomos de fugida todo o cenário empolgava.

Sentia igualmente vontade de ficar ali em contemplação e de fugir depressa... Como explicar tal contradição? Sei lá!... Por um lado o atractivo do ambiente, por outro talvez a certeza de que era a ultima vez que ali iria. Isto fica tão longe!...

Enfim... Despegámos do encantamento e lá voltámos a Portimão — já sem festança carnavalesca, aquela hora matinal.

Como precisássemos despedir da familia do professôr Manuel Guerreiro, natural da terra, preguntou-se logo á entrada a certo individuo bem vestido, onde era a rua

de João de Deus. O sujeito olhou, concentrou-se por instantes e declarou que não sabia. Agradecêmos.

Mais adeante, a uma senhora muito bem vestida a mesma pregunta. A resposta foi equivalente: ignorava onde era essa rua. A seguir, a certo rapaz novo que sobraçava uma pasta cára, com ares de advogado, fez-se o mesmo interrogatório; e esse rapaz elegante e de certa distinção, com expressão curiosa de quem se admirava, declarou que não sabia...

Nós rimos-nos. Então, na cidade algarvia do Teixeira Gomes, não se sabia onde era a rua dedicada ao grande poeta do Algarve? Recorrêmos depois a um sinaleiro com o mesmo resultado; e até na propria estação dos Correios e Telegrafos houve duvidas!...

Por fim de contas uma sopeira gordachuda, de grandes olhos mouriscos, é que indicou a direcção mais ou menos provavel do arruamento desejado. E lá fomos.

E aqui está um episodio sem importancia ~~~~ acerca do qual se podem fazer considerações de varia especie. Pobre poeta João de Deus! Tão desviada anda a atenção dos

teus fabricios que ignoraam a existencia duma rua com o teu nome! Tão alheios ás coisas do espirito eles andam que até se espantaram com a hipotese da homenagem municipal...

Feita a visita, largámos estrada fóra. Comecei então a reconhecer certos locais onde no meu tempo de espirtão do Inf.to nº 33 se faziam alguns exercicios. E com esse reconhecimento começáram a surgir certas recordações que vagamente me comoveram. Já lá iam 39 anos; e de então para cá quantas voltas o mundo deu e quantos trambolhões a má sorte me fez dar.

Tudo se me representou, de cambulhada, ao aproximar de Lapos. E quando, ao descer duma curva, a cidade apareceu, senti a impressão extranha de quem, ao contrar com surpresa agradavel, recebeu abalo de inesperada comoção... O aspecto geral era o mesmo; havia a mais uma larga ponte sobre o rio, junto da estação ferro-viaria, que evitava a velha curva mais acima, onde uns armazens desagradaveis davam máu aspecto á entrada; mais ou menos o que via era sensivelmente a mesma coisa de

Ha quasi quarenta anos. Mas o diabo eram esses quasi quarenta anos que me pesáram em cima das costas...

Esses trinta e nove anos passados é q. me estavam a estragar o prazer de novam.te ver a terra natal onde passei uns meses agradaveis, durante os quais saboreei a boa companhia deste mar incomparavel.

E assim entrei na cidade, pela velha rua de Gil Eanes, um pouco desfigurada já, com estações de gazolina e oleos á moderna mas ainda assim com restos do aspecto antigo que lhe dava pitoresco. Na travessia para a Piedade, não notei diferença sensivel; as mesmas casas quasi todas de um só andar, os mesmos arruamentos possegados e alegres, o mesmo ceu azul, transluci-do, que nos dava a sensação de leveza.

Passadas as ultimas casas, entrá-mos no velho caminho tão pitoresco, agora transformado em boa estrada de turis-mo, com sébes altas bem cuidadas e todos os gostos de sinalização que hoje o enorme movimento de carros não deixa de exigir. Os trinta e nove anos de ausencia contri-buiram-me a pesar... Por ali, com

um livro debaixo do braço, deambulei solitario, bebendo a beleza daquele ambiente empolgante, saboreando o sossêgo benéfico, enternecendo-me com a maravilha daquelas ribas rochosas.

Elas lá estavam, as ribas da Piedade, a mesma caldeira limitada por arcarias de tão grande harmonia arquitectonica que me lembrou um passo de Balzac, não sei agora em que obra, ao afirmar que a Arte, afinal, querendo copiar a Natureza, fica sempre inferior a ela. A maré estava baixa e as pequenas ondas, ao entrarem nas arcarias, por sobre as rochas, lançávam cintilações de pedras preciosas — como ha trinta e nove anos, nos meus devaneios de passeiante solitario...

Havia vento fresquinho, noroeste; o promontorio de Sagres lá estava, negro, a apontar para o mar; as aguas, de transparencia notavel, [redacted] quasi quiétas, pouco susurro faziam. Havia, no ambiente, quanto bastava para me acabrunhar; e os trinta e nove anos passados continuavam a pesar-me nos ombros e a dar que fazer á sensibilidade.

Ao mesmo tempo que me apetecia ficar ali, amodorrado, [illegible], na contemplação de tão belas coisas, sentia, também, certos desejos de fugir ...

Porque tal contradição?

Vão lá descobrir estas incoerências, ou aparentes incoerências, do espírito humano! Vão lá saber como funciona a sensibilidade duma velha carcaça! O certo é que, verdadeiramente, não sei explicar as sensações que me perturbaram durante a simples meia-hora, pouco mais seria, que demorámos na Piedade. Sensações quase em tumulto, tristeza que me marejou os olhos, vago desejo de fechar os olhos ...

Aspectos da sensibilidade que lastima tempos passados agradáveis? A certeza da irredutibilidade dessa quadra amena com a triste quadra que atravesso?

Enfim, quando voltámos ao carro para o regresso a Lapos, quero crer que tive sensação de alívio.

E fico-me por aqui. Não sei explicar mais nada. A tradução em prosa das minhas impressões não vai além do que aqui ficou. O tumulto de sensações surgidas

foi alem das possibilidades do meu pobre poder descritivo.

Em Lagos, ao almoço, por sinal que no mesmo predio onde me hospedei ha 39 anos, as sensações foram diferentes. O arranjo da casa, completamente modernizada, apresentava o requinte de exotismo e regionalismo falso que hoje se usa, não sei se como preito ao chamado espirito de «Renovação Nacional» se como prova de ignorancia de estilos arquitectonicos.

O aspecto geral, porem, era agradavel. As mesas cheias de ranchos de turistas q. como nós, aproveitavam os dias feriados. Almoço normal, bem servido e abundante; e a certa altura a surpresa agradavel dos cumprimentos do Leonel Vieira que, lá do outro lado da sala onde almoçava, me descubriu sem eu dar por isso.

Este Leonel Vieira, hoje general governador militar de Lisboa, foi, ha trinta e nove anos, meu alferes no regimento nº. 33 e meu constante companheiro em conversas de caracter literario ou em leituras de paginas das recentes obras do Teixeira Gomes, ao tempo em vóga e com exito. Era

então rapasinho saído da Escola, vagamente romantico, muito dado a leituras literárias e versejadôr de tendencias patrioteiras... Muito correcto, amavel, dedicado, foi um excelente companheiro. Quando saíamos com recrutas para o campo ou para a carreira de tiro, levávamos ou o Agosto Azul ou a Gente Singular na algibeira para nos descanços fazermos leitura comentada. Era passatempo inocente...

Pois bem. Passados os trinta e nove anos, o Leonel Vieira, dirigiu-se á minha mesa para cumprimentar o seu antigo capitão e disse-me que, desde que me descubrira na sala de mésa, reviveu esses tempos recuados em que fraternalmente liamos e comentavamos a obra do Teix.º Gomes. Teve palavras amaveis p.ª mim e oferecem os seus prestimos — pois estava na sua terra natal onde viéra passar os dias do Entrudo.

Se bem que, neste largo espaço de tempo, só uma vez encontrei o Leonel Vieira, então coronel creio que já tirocinado, mantive sempre, a seu respeito, uma boa impressão; e confesso que gostei de o ver

e tambem de ser ele o da iniciativa dos cumprimentos. Vá lá! As estrelas de general não o impediram de cumprimentar o seu antigo capitão de Infantaria 33.

Honra lhe seja.

E vamos adeante. Depois de uma volta pela cidade, recordando locais e reconstituindo episodios, metêmos á estrada de Vila do Bispo, caminho de Sagres.

Não sei se foi erro de memoria, natural ao fim de quasi quatro décadas; mas observando a estrada e a paisagem que esta atravéssa, pareceu-me notar transformação principalmente com o aproximar de Vila do Bispo. E' muito possivel que assim fosse. Quarenta anos são quarenta anos e a propria paisagem não é imutavel.

Vila do Bispo quiz-me parecer que estava na mesma; um ou outro telhado novo, um predio moderno á beira da estrada onde um posto de policia de transito dá nota civilizada — e pronto. Vila do Bispo permanece extactica, no dorso onde a encontrei em 1915, sobranceira ao plano inclinado que vai morrer a Sagres e S. Vicente, onde verdadeiram.te acaba a Europa.

Sagres, porem, é que eu quasi não reconheci. O exiguo aglomerado de ha trinta e nove anos, se é que posso chamar aglomerado a umas duas ou tres casas isoladas, está transformado numa vasta povoação, um pouco dispersa, é certo, mas já subordinada a certo plano urbanistico, como se diz hoje. Arruamentos largos, uma especie de rotunda em frente á cortina abaluartada da antiga fortaleza, arranjo de sébes altas para protejer os quintalejos das ventanias constantes, derenas de casas para aqui e para acolá — e eis a nova Sagres q. eu deixei em 1915 entregue ás recordações patrioticas...

Ao ver a transformação, pensei nos motivos que leváram familias a estabelecer ali a sua vida, em região sem agua, extremamente ventosa, com ligeira camada de terra sobre rocha dura. E no entretanto verifiquei que hoje o povoado é grande, mantem estabelecimentos e dá a impressão de q. continuará a crescer. Curioso problema de geografia humana que me não preocupa, evidentemente, mas que gostaria de ver explicado.

Uma boa estrada levou-nos até ao cabo de S. Vicente. A nortada agreste não deixou gozar, á vontade, a beleza e a grandeza do sitio. O mar, m.to manso, mal espumava em baixo, nas rochas e nos leixões; mas a ventania tornava impossivel qualquer contemplação mais ou menos sentimental ou evocativa. Tivémos de regressar a Sagres, mais abrigado e mais proprio para evocar e recordar.

E assim foi. Aqui chegámos á pequena hospedaria de ha quatro decadas, já ampliada em extensão e em altura, com um primeiro andar corrido que o velho guarda-fiscal que ha meio seculo a fundou de certo não julgaria possivel. Mas cá está, com quartos bem mobilados e normalmente habitados por forasteiros atraídos pela fama do Infante D. Henrique e pelo excelente peixe que é tradição fornecer.

Da fama do Infante, a hospedaria tira proveito abundante segundo se diz; e do peixe tambem, ou trazido de Lagos ou pescado em baixo, nos rochedos do promontorio, por meio de varias artes e manhas certamente seculares.

E assim a tarde caíu, suavemente; e em baixo, o mar, muito manso, ia-me fazendo negáças, lembrando-me os três dias que aqui passei ha trinta e nove anos, no tempo em que eu tinha uns floridos trinta e cinco anos...

Sempre as quatro décadas a passáram e a lembráram coisas tristes...

Lisboa:

Março: 3.

Cá estamos de volta, sem novidade de qualquer especie. De manhã, em Sagres, o mesmo soprava bastante agreste e o mar apresentava côr escura um tanto ou quanto ameaçadora; os barometros baixavam e os prognosticos para o resto da digressão não pareciam favoraveis.

O cabo de S. Vicente lá ficou, negro, projectado contra nuvens que se acastelávam a nordeste; e para nascente desaparecera a limpidez de atmosféra que é o grande encanto da região. Certo tom vagamente plumbeo indicava reviravolta do tempo. Testámos, felizmente, no ultimo dia da passeiata e já nos era indife-

rente que chovesse ou fizesse sol e não diríamos, conforme o proloquio, que o rabo seria o pior de esfolar.

Em Vila do Bispo tomámos a estrada nova, ainda por acabar, que o policia de transito garantia em boas condições. E na verdade, a estrada segue por terreno muito ondulado, ás vezes atravessa desfiladeiros, nos quais certos cortes no terreno apresenta estrutura curiosa; a vegetação pareceu-me ser de transição do Algarve para Alemtejo e nalguns pontos a paisagem apresentava aspecto um tanto severo e carregado e contra o que eu esperava com abundante arborisação a que não faltavam manchas de pitoresco.

Depois de umas leguas assim andádas, e depois de entrarmos na velha estrada alcatroada, surgiu Aljezur, curiosa povoação espalhada em encostas, á nossa esquerda, sobranceira a um vale muito verde; a seguir, passadas mais umas leguas, Odemira, meia-oculta num largo valeiro com arborização, cercada de ondulações altas de terreno que eu julgava impossiveis no baixo-Alemtejo — tão habituados nós

andâmos a considerar a grande provincia como planura raza e sem fim.

Notei a pobreza das habitações isoladas, aqui e alem; casinholas sem janelas e com chaminés altas; raros sinais de vida. Mas a arborização continuava, cobrindo as ondulações do terreno com pinheiros, sobreiros em abundancia, azinheiras que davam aspecto severo ao conjunto e certa beleza nalguns pontos.

Santiago do Cacem aproximáva-se. No Cercal, viu-se povoado progressivo, entre a velha aldeia tradicional e as modernas tendencias sem caracter; até que, em curva da estrada, se avistou a vila do freires espatarios, coroada por grande castelo medieval ainda imponente. A' volta evidentes sinais de fertilidade; arborização de certa densidade e beleza; e eu pensei como ás veres a nossa imaginação concebe erradamente aspectos de paisagem ou fisionomia de terrenos.

Eu sempre julguei que Santiago do Cacem estava colocada em monticulo de certa elevação no meio de planura imensa, seca, sem qualquer arvoredo; que do castelo

se veria, á volta, uma vasta extensão de terra. E afinal, não Senhores: naquele intrincado terreno arborizado, os olhos não alcançam m.to longe; e se no tempo dos cavaleiros de Santiago aquelas encostas estávam cobertas de matagal, agora a cultura intensiva do torrão e o povoamento florestal davam pitoresco e certo encanto ao ambiente.

Começou, então, a chuviscar; nuvens acasteladas, ameaçavam desfazer-se em aguaceiros e nós entrámos na Pousada para o almoço a sentir ventania fresca, do sudoeste, muito desagradavel.

A Pousada, deve dizer-se, é um encanto de arranjo e de bom gosto. Dirigida por um pintor cujo nome não consegui saber, impressiona logo de entrada pela elegancia e feição artistica. Gravuras excelentes, quadros a oleo de varias escolas, lusigangas regionais, tapeçarias alentejanas, tudo reunido sem o amontoado de bric-á-brác, mas coordenado e harmonizado por boa inspiração de quem professa e compreende a Arte. Das janelas, na encosta fronteira, surpreende-se a vila, desci-

da suave para nascente; e quiz-me parecer que se avistaria o mar se não fosse o enevoado que tudo cubria.

Comido o almoço excelente e suculento como competia a pousada alentejana e paga a conta não menos suculenta e escaldante como é natural em obra do Antonio Ferro, continuou-se no regresso, por entre mais abundantes e densos sobreirais, a marcar com evidencia o nosso grande emporio da cortiça.

Depois surgiu Grandola, que me pareceu mais modernizada do que Santiago; evoquei o dr. Jacinto Nunes, mentalmente, é claro, o grande animador da terra e o seu principal fautor de progresso. E ao largar Grandola, entrámos na grande recta que a une a Alcacer-do-Sal, atraver de densa maça florestal de variadas especies.

Beleza?... Pitoresco?...

Sei lá! Aquela monotonia não conseguiu despertar interesse. Até Grandola, ainda as curvas e ondulação da estrada dávam um ou outro quadro onde fixar fugidiamente os olhos com mais ou menos agrado.; mas, com franqueza, aquela recta

de não sei quantas leguas, sempre entre arvorêdo alto, sem contrastes... não sei que interesse possa ter.

Mas adeante.

Alcacér do Sal apareceu-nos, com o mesmo aspecto decadente e de abandono; naquela altura o sol rompêra as nuvens e ainda dava certa alegria ás lezirias do Sado e seu quê de romantico ás ruinas do castelo e da grande casa conventual; mas em todo o cenário havia a impressão de pobreza e decadencia. Pode não ser assim; os meus olhos terão recebido impressões erradas; de passagem rapida não se colhe a verdade e assunto tão complexo como é a importancia duma vila e dos seus campos, industrias e comercio.

Depois, veiu chuva; Setubal novamente servio para descanço duma meia hora; e dentro em pouco, passada a pitoresca Azeitão, chegámos a Cacilhas onde a bicha de viaturas era consideravel e onde a noite nos caiu, chuviscosa e impertinente. Lisboa avistava-se cheia de luzes, atravez da neblina; e quando chegou a vêz de se entrar no barco da traves-

sia, o temporal impelia a espuma das aguas de mudo que chapava ás vidraças do carro. O baloiço era grande e o peso de camionetas carregadas dáva grande amplitude ao movimento undulatorio do barco.

Assim terminou a excursão.

Ao entrar em casa, com algum cansaço no corpo era natural, veio a sensação de que se passára na vida alguma coisa agradavel.

Compensações.

Apendice : re-

cortes de jornais, va-

ria ::

De pap. 300.

Ex.mo Senhor

O Instituto de Coimbra completou cem anos em 1953. A' Direcção não foi possível realizar nesse ano uma sessão comemorativa e uma reunião, em Coimbra, do maior número de sócios actuais; mas, estando no fim do último mês da sua gerência, resolveu desempenhar-se agora desse encargo.

E assim tenho a honra de pedir a V. Ex.ª a sua comparência à sessão do dia 20 do corrente, pelas 21 horas.

Nesse dia terá lugar, na sede do Instituto, um almoço para o qual fica aberta a inscrição dos sócios.

A inscrição para este almoço deve ser comunicada ao Presidente do Instituto até ao próximo dia 15.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1953.

O Presidente da Direcção,

Anselmo Ferraz de Carvalho

A. – 49

De pag. 300

ALMOÇO COMEMORATIVO

DO

1.º Centenário do Instituto de Coimbra

.....

Ementa

Creme de galinha

.....

Filetes de pescada à francesa
com
molho de tomate

.....

Lombinhos de vitela ao madeira

.....

Perú trufado

.....

Puding de frutas

.....

Ananaz

.....

Vinhos de mesa
Espumante
Porto
Licores — Café — Brandys

Coimbra, 20 de Dezembro de 1953

NICOLA
COIMBRA

De pag. 300

Alguns dos sócios do Instituto de Coimbra antes de se reunirem no almoço de confraternização

De jorn. 300

COMEMORAÇÃO DO I CENTENÁRIO do Instituto de Coimbra

COIMBRA, 20 — Para comemorar o 1.º centenário da fundação do Instituto de Coimbra, realizou-se hoje, na sede daquela prestigiosa colectividade literária e científica, uma sessão solene a que assistiu elevado número de sócios e as autoridades.

Presidiu o prof. sr. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, ladeado pelos srs. prof. dr. Pacheco de Amorim, vice-presidente, e dr. Teixeira de Queirós, secretário.

Depois do presidente ter aberto a sessão e de explicar o significado desta comemoração, historiou a existência do Instituto, apontando as suas ligações com a Universidade. Falou do prestígio alcançado pela revista «Instituto» e de alguns dos seus valiosos colaboradores, destacando destes Alexandre Herculano e Costa Simões. Referiu-se ainda à criação do Museu de Arqueologia, que mais tarde de transformou no Museu Machado de Castro.

Falou, depois, o sr. prof. dr. Henrique de Vilhena, antigo reitor da Universidade de Coimbra e em representação da Academia de Ciências de Lisboa. Saudou o Instituto pela data festiva e salientou a figura do prof. dr. Costa Lobo.

Discursou, a seguir, o sr. prof. dr. Joaquim de Carvalho, que, numa brilhante oração, evocou a acção do Instituto e prestou homenagem a todos quantos contribuiram para o seu prestígio.

Depois de falar o sr. dr. Costa Rodrigues, usou da palavra o sr. prof. dr. Maximino Correia, que apontou os laços de entendimento e colaboração que sempre tem havido entre o Instituto e a Universidade, fazendo votos para que os mesmos continuem para prestígio dos dois estabelecimentos.

Finalmente, o sr. dr. Teixeira Queirós leu os telegramas de saudação recebidos, entre os quais um do sr. presidente do Conselho.

★

Em duas salas do Instituto, realizou-se um banquete de confraternização, a que assistiram mais de 50 sócios.

Destes, destacavam-se os srs. prof. dr. Maximino Correia, reitor da Universidade; profs. drs. Francisco Gentil, Henrique de Vilhena, Pereira Dias, Pacheco de Amorim, Francisco Nazaré, Rocha Brito, Feliciano de Guimarães, Amorim Girão, Joaquim de Carvalho, Torquato de Sousa Soares, Costa Pimpão, dr. Barros e Cunha, conselheiro Amaral Cabral, desembargador Horta e Vale, juíz Perestrelo Botilheiro, drs. Miranda Mendes, José Viquera, Mariano Gon-

zalez, de Madrid, coronel Belizário Pimenta, conde do Amial e os advogados Fernandes Martins, Octaviano Sá e Armando Cortezão.

Aos brindes usaram da palavra o presidente do Instituto, prof. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho; reitor da Universidade de Coimbra; prof. dr. Francisco Gentil, drs. Meireles Soutre e Mariano Gonzalez.

Do Primeiro de Janeiro, do Porto, de 21 de Dezembro de 1953.

— Indices —

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

UNIVERSIDADE LIVRARIA

I

Anos:

1952 : . 1 - 147 .

1953 : 148 - 306

1954 : 307 - 311

II

Nomes proprios

Abreu {P.e Diniz de), de S. Pedro de Alva - - 208

" {Eduardo Barbosa de} capitão de Artelharia : 296 e 298-299.

" {Marques}, Gravador : 309.

Afonso {D.} Henriques : 315-317.

Aguiar {Joaquim Ant.º de} : 261

Albuquerque {Luis da Silva Mouzinho de} : 212-213.

Almeida {Dr. Ant.º José de} : 149.

" {Filho de} : 340 e 347.

" {Laureaço Chaves} : 79, 133, 139-141 e 226-227.

" {Dr. Manuel Lopes de} : 38

Alorna {3.º Marquês de), D. Pedro de Almeida : 37-40 e 235-237.

Amaral {João M.º Ferreira do) : 52, 328-331.

Amelia {D.}, rainha : 36 e 43-45.

Amorim {Dr. Diogo Pacheco de} : 76-77 e 190

Andrade {Dr. Abel de} : 195 e 196.

Araújo (Adelino de Carvalho), chefe da Secret.ª da Câm.ª de Miranda do C.º : 319-320
Arruela (Dr. José de) : 193-197.
Balzac (Honoré de) : 368.
Banazol (Cor.el do Est.º-Maior) : 133-134.
Baralã (José), canteiro : 140
Barretõ (Abílio Roque de Sá) : 149.
" (Dr. Fernando Bissaia) : 187.
Barros (Dr. João de) : 46-47.
Barthou, ministro francês : 152-155.
Bastõ (Artur de Magalhães) : 212-213.
" (José Carrilo) : 276-279 e 319-320.
Beethoven : 318.
Benzi (Roberto), maestro : 289-291.
Bolota (D. Mª Luisa Lima) : 244-245.
Botelho (José Justº Teixeira) : 96, 299 e 322.
Braga (Teofilo) : 60, 355.
Brandão (João de Paiva) : 322
Braz (Cesar Moura), cap.ão-tenente : 187.
Cabanas (M.el dos Santos) : 220, 233-235, 247-248, 248-254, 255 e 255-258.
Camacho (Dr. M.el de Brito) : 348
Câmara (D. João da) : 103-104, 145-147 e 207.
" (Prof.ª Susana da) : 130-131.
Campos (D. Manuela) : vide Guedes (Rui da Mota)

Cardoso (José Maria Correia) : 68-69 e 78-79.
Carlos (D.) I, rei : 45, 71 e 73.
Carmona (Ant.º Oscar Fiqueiredo) : 187 e 298.
Carreiro (Dr. José Bruno Tavares) : 325-326.
Carvalho (Dr. Anselmo Ferraz de) : 42, 190 e 222
" (Dr. Augusto da Silva) : 110-111.
" (Dr. Joaquim de) : 176-177, 200 e 301-303.
" (Vasco de) : 186-187.
Casal (Franc.º Alves) : 261.
Casimiro (Augusto) : 106-107.
Castelo-Branco (Camilo) : 213.
Castro (Dr. Augusto de) : 193-197.
" (Baltazar de), arquitecto : 309.
Catarina (D.), rainha de Inglaterra : 107.
Cavalheiro (Dr. Rodrigues) : 207-208.
Cerejeira (M.el Gonçalves) : 1-2.
Cerqueira (Afonso), almirante : 49.
Chagas (João) : 64.
Chaplin (Charlie) : V. Charlot
Charlot : 289.
Chausson, compositor : 314.
Chopin : 111-112, 141-142 e 150
Cidade (Dr. Hernani) : 106-107, 177 e 191-192
Coelho (José Maria Baptista) : 212-213.
Correia (Dr. ant.º Aug.to Mendes) : 159-162
" (ant.º Cerqueira Ferraz) : 264.

Correia (Dr. Fernando da S.ª): 54-55
" (G.al Joaquim dos Santos): 160
" (Dr. Maximino): 42 e 302-303.
" (Dr. Virgilio): 31-34 e 137.
Costa (Dr. Afonso): 326.
" (P.e Avelino de Jesus): 37-41 e 235.
" (Fernando dos S.tos): 35, 58-59 e 105-106.
" (Dr. Franc.º José Fernandes): 273-274.
" (Manuel Ant.º da): 149.
Conceiro (Henrique de Paiva): 72
Coutinho (Dr. Albano): 329.
" (Vitor Hugo de Azevedo): 216.
Couto (Dr. João Roiz. da Silva): 148-150
Cruz (Dr. Ivo): 177 e 295-296.
Curto (Dr. Amilcar Ramada): 102-104.
Cuvier: 111.
Dantas (Dr. Julio): 102-104 e 119.
Deus (João de): 365-366.
Dias (Dr. Carlos Ballino): 128-132
" (Dr. Manuel): 129.
Duarte (Prof.or Carvalhão): 206-207.
" Nuno: 90 e 186.
Dvorak, compositor: 290 e 314.
Erlih (Devy): violinista francês: 325.
Espirito-Santo (Ricardo): banqueiro: 21-22
Esteves (Raul): 122-125; 216 e 227-228.

Ferrão {D. Julieta} : 19-22, 36 e 207-208.
Ferreira {Ant.º Aurelio da Costa} : 63-64.
" {Godofredo} : 7.
" {Luis} : 276-279 e 319.
Ferro {Antonio} : 335, 379.
Figueiredo {Dr. Ant.º A. do Amaral} : 54-55.
" {Antonio Campos de} : 61
" { " Margarita} : 4-6 e 31-34
" {Fidelino de} : 91, 173-181 e 226-227.
Foch {Mal Ferdinand} : 171.
Fonseca {Tomás da} : 183-184.
Forjaz {D. Ant.º Pereira) : 110
Fortunato {D. Maria da Gloria} : 37-39 e 235-237.
França {Salvador Pinto da} : 238-239.
Franco {Conselh.º João} : 207-208.
Frazão {Americo de Mendonça}, cap.ão do Estado-Maior : 133-134, 201, 238 e 280
Freitas {Adolfo de} : 135-138.
Freud : 283.
Garcia {Prudencio Quintino}, conego : 149.
Gentil {Dr. Francisco) : 300
Girão {Dr. Aristides do Amorim} : 63
Godinho {Vitorino Henriques), cor.el : 328-330.
Gomes {Dr. Ant.º Luis}, Pai : 94-95.
" {Manuel Teix.a} : 152-155, 365 e 370-371
Gonçalves {Dr. Anastacio} : 216.

Gonçalves {António Augusto} : 36, 44, 66, 77, 78-79, 135-138, 140 e 149.
" {P.e Ant.o Nogueira} : 22, 31-34, 63, 64-66, 76-77, 222-225, 241-243 e 308-311.
" {Dr. Julio Gonçalves} : 322
Gonzaga {Tomás António} : 56
Graça {Frederico} : 149.
Grainha {Dr. Barros} : 43 e 44.
Griéco {Agrifino}, Brasileiro : 59-61.
Guedes {D. Manuela Campos da Mota} : 250 e 254.
" {Rui da Mota}, engenh.o : 250 e 254.
Guimarães {Dr. Luis de Oliv.a} : 145-146.
" {Cor.el Vitorino} : 151-155, 216 e 327-331.
Guerra {D. Oliva} : 266-268
Guerreiro {Dr. Manuel} professor : 364.
Henrique {Infante D.} : 374
Herculano {Alexandre} : 166 e 317.
Hugo {Vitor} : 308-309
Humboldt : 111.
Istomin : musico : 227-228.
Jaloux {Edmond} : 100
Jeferson : 111.
Junqueiro {Guerra} : 183-184
Juvenal : 212.
Lança {Joaquim} : 159-162
Leal {Dr. Apolinario José} : 157 e 203-205.

Leal {Franc.º da Cunha}: 275-276
" {Jorge Apolinario}: 157-158, 202-205.
Leitão {Franc.º de Andrade}: 244-245.
" {Joaquim}: 111.
Lemos {Alvaro Viana de}: 42-45 e 52-54.
Lima {Ana M.ª de Sousa}: 82-83, 246, 266-267, 272, 308, 317-318.
" {Cristovão de Sousa}: 1-2, 55, 56 e 133.
" {Dr. Fernando de Castro Pires de}: 270-271.
" {Henrique Ferreira}: 26, 48, 84, 90-93, 95-96, 115-116, 119-120, 125-127, 127-128, 132, 138-139 e 165-166
" {D. Maria Lina Ferreira de}: 26-28, 84, 90-93, 125-126, 165-166 e 331-332.
" {Dr. Pires de}: ministro da Educação: 21-22.
" {D. Vera de}: 227.
Lobo {Dr. Francisco de Miranda da Costa}, 190, 196
" {Dr. Gumercindo da Costa}: 41, 42, 190 e 196
Lopes {Francisco Higino Craveiro}: 155, 217-218, 221 e 283.
Loureiro {Dr. José Pinto}: 78-79.
Ludwig {Emilio}: 318.
Macedo {Armando}: 209-210 e 213.
" {Luis Pastor de}: 2-4.
Machado {João}, Pai: 140.

Madaíl (Ant.º Gomes da Rocha) : 155-157, 197, 218-219, 227, 257-258.
Magalhães (Dr. Alfredo de) : 132.
" (Rodrigo da Fonseca) : 278.
Marinho, Professor de desenho no Barreiro, Escola Industrial : 249 e 251
Marques (Albertino) : serralheiro : 135.
Martins (P.e Eugenio) : 316-317
" (Franc.º José da Rocha) : 63-64 e 206-207.
" (Humberto Bucata ——) : 313
Mascarenhas (Braz Garcia de) : 225.
Mata (Dr. José Caeiro da) : 194 a 196
Matos (Gastão de Melo de) : 322-323.
" (P.e José Lourenço de) : 183-184
Meira (Alberto) : 74, 132, 162, 210 e 213.
Melo (Pedro Homem de) : 194.
Mendes (Dr. Antero de Miranda) : 300-301.
Menezes (Eduardo Guedes de Caro.º) : 322-323
" (Mario Silvio Ribeiro de) : 8-12 e 158
Maisaiwitsch (Benno), pianista : 150-151
Moniz (Dr. Egas) : 110 e 111.
Monteiro (Alb.to dos Santos Pereira) : 104-106
" (Henrique Pires) : 49-50, 95-96, 111-116, 120, 122, 139, 151, 181-184 e 186-187.
" (Dr. Manuel), Braga : 227, 274-275.
Montgomery (Marechal) : 58-59.

Moraes (Alberto Faria de), coronel: 48, 74, 115-16, 117-121, 122, 125-127, 138, 157, 167-172, 202-203, 238, 300 e 322.
Moreira (Arsénio da Silva), coronel: 149.
Negreiros (Dr. Trigo de), ministro: 242
Nemesio (Dr. Vitorino): 93, 292-293.
Nogueira (Franc.º Inacio Dias), de Goes: 291.
Oleiro (Dr. João Manuel): 37.
Oliveira (Ten. cor.el Alcide de): 304-305.
" (D. Ernesto Sena de), bispo: 194-195.
Pais (Alberto da Silva), cor.el: 184-185.
" (Armando da Silva), do Barreiro: 240-241, 255-256, 281 e 311-312.
" (Sidonio): 298.
Paixão (Dr. Vitor M.el de Braga): 160
Pastor (Francisco), gravador: 2-4.
Pedro de Jesus (Manuel), serralh.º: 140
Pegado (Cesar de Sousa): 37, 48, 235-236
Pereira (Dr. Alberto Dias): 316
" de Eça (Ant.º Julio da Costa), gen.al: 49-52
Peres (Dr. Damião): 177.
Pimenta (D. Cesalpina): 163.
" (José Augusto): 3-4.
" (Rafael), gravador: 74, 220, 234, 240-241, 247, 248-254, 254-256.
" (Sebastião Rafael Maria): 250-251.

Pimenta [D. Susana]: 261
Pimpão [Dr. Alvaro Julio da Costa]: 27-28, 176, 332.
Pina [D. Manuel Correia de Bastos]: 36, 43-45
Pinheiro [Rafael Bordalo]: 20 e 68
Pinto [Gal. Adolfo Abranches]: 10-17.
" [João Caet.º da Silva]: 20 e 163
Pires [Enrico Sampaio Saturio]: 8-12, 69-73, 158.
Pombal [Marquês de]: 341
Prokofieff, musico: 290
Radot [Jean Vallery]: 198-200
Ramos [Dr. João de Deus]: 181-184 e 284-286.
Raposo [Dr. Hipolito]: 182-183
Ravel, compositor francês: 325.
Régio [Dr. José]: 168
Rego [Ant.º José de Campos]: 316
Reis [Dr. Albino dos]: 186
" [Dr. José Alberto dos]: 187
" [Dr. Manuel dos]: 190
Ribeiro [Helder Armando dos Santos]: 70 e 73
" [Dr. Luis da S.ª]: 258.
Rio Maior [Marquês de]: 9.
Rodrigues [Dr. Ant.º Luis da Costa]: 45-46, 64-66, 76-77, 114, 195, 202, 241-243, 301, 310 e 326.
" [Gen.al José Filipe Barros]: 16-18, 22-26, 41, 96, 121, 126, 172, 258-259, 260, 296, 299.
Rubinstein, pianista: 109, 111-112.

Sá [Octaviano de]: advogado: 218-219.
Salazar [Ant.º de Oliveira]: 29, 155, 186-187, -188, 211-212 e 281.
Sarmodães [2.º conde de]: Franc.º Teixeira de Aguilar e Azerêdo: 183-184.
Sauto Antônio: 228-229.
" Inácio de Loiola: 293.
Santos [Hermenerico Barja dos]: 270.
" [Luis dos Reis]: 20-22, 35-37, 43, 52-54, 62-63 e 198-200.
" [Dr. Reinaldo dos]: 22, 188, 195 e 196.
São Francisco Xavier: 122 e 124.
Sarmento [Julio Ernesto de Morais]: 239.
Selvagem [Carlos], escritor: 159-162
Serra [Abade José Correia da]: 109-111.
Silva [Albino Caetano da]: 274.
" [Fran.co cor.el Andrade e]: 104-105.
" [Antônio Maria da]: empenh.º: 326.
" [" dos Santos]: 274.
" [João Caetano da]: 87 e 290. Vide Pinto.
" [Manuel Rodrigues da]: 148.
Simões [Dr. Nuno]: 45-46, 221-222.
Simplicio [Joaquim da Silva]: 255.
Simibaldi [S. Tiago], conego: 109.
Soares [Ernesto]: 75 e 188
" [Dr. Torcato de Sousa]: 63 e 301.

Stravinsky {Igôr}: compositôr: 325.
Terceira {Duque da}: 339.
Tofinho {Manuel}, general: 34-35 e 233
Torga {Miguel}: 229-230.
Tovar {Conde de}, embaixadôr: 105-106
Vargas {Getúlio}: 60
Vasconcelos {Dr. Ant.º Garcia Ribeiro de}: 309.
" {José Sup.to Pereira de}: 274.
Vaz {Dr. Fernando Henriques}: 315-317.
Veiga {Alberto Botelho da Costa}: 177.
" {Família Baeta da}: 55.
Veloso {Dr. José Maria de Queiroz}: 116.
Verdi, compositôr: 290.
Vieira {Dr. Afonso Lopes}: 227.
" {Joel}, brigadeiro: 9-17.
" {Leonel Neto de Lima}, gen.al: 370-372
Vilhena {Dr. Henrique de}: 300
Vital {Dr. Domingos Faras}: 186
Xavier {Caldas}: 159-162.

III

Varia:

Academia das Belas Artes: 188-189.
" " Ciencias de Lx.a: 101-104 e 109-111.

Academia dos Instrumentistas de Camara : 314-15.
" Portuguesa da Historia : 57 e 116.
Diamonte, Espanha : 332, 339, 340 e 342
Albufeira, Algarve : 358-359.
Alcácer-do-Sal : 333 e 380.
Alcantarilha : 359.
Alentejo : 333-335, 376-380.
Algarve : 335 e seg.tes
" (A excursão ao) : 332-381.
Aliança Luso-espanhola : 217-218, 221.
Aljezur : 376.
Aljustrel : 334.
Almodovar : 334.
Alportel (S. Braz de) : 335-336
Amadis de Gaula, de A. Lopes Vieira : 295-296.
Anais de Miranda do Corvo : 278 e 320.
Aniversarios : os meus : 96-98.
Ano Novo ... : 308-309.
Arquivo Coimbrão : 78-79.
" Historico M.or : 95, 117, 138-139 e 167.
Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto : 132.
Assunção (Dogma da) : 257.
Aumento dos vencimentos : 28-29.
Avô : 225.
Azeitão : 380.

Ballet em Lisboa : 158-159
Barreiro : 220, 240-241, 248-254, 255-256, 261, 311-312, 340 e 347.
Bastilha (Aniversario da tomada da) : 80-81.
Borda de Agua, alinhamento : 308-309.
Brasil (Amisade com o) : 221.
Cacéla, Algarve : 339.
Cacilhas : 380.
Caldeirão (Serra do) : 334-335.
"Camões e as artes liricas" : 107, 191-192
Campanha no Sul de Angola : 50-52.
"Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo" : 243-244, 257-258 e 270-271.
Capuchos (Convento dos), Sintra : 263-265.
Casa (A minha) em Coimbra : 189 e 283.
Castro Marim : 341-347.
"Catalogo e Sumario dos Mss. ..." : 48, 117, 119 e 138 e 167.
Cavalos argentinos : 313
Cerco do Porto, 1832-1834 : 213.
"Cinquenta anos depois" : 296, 312-313 e 324.
Cinquentenario do meu primeiro artigo: 296-298.
Circulo de Art.º Augusto Gonçalves : 65-66
" de Cultura Musical, em Coimbra : 227-228, 314-315 e 325.

Coimbra: Casa de Ant.º Aug.to Gonçalves: 137
" : Drogaria de Roiz. da Silva: 149.
" : e a musica: 314.
" : Escola Livre das Artes do Desenho: 135-138.
" : festejos da Rainha Santa: 79-80.
" : Grupo de amigos do Museu de Machado de Castro: 62-63
" : Irmand.e da S.a da Boa-Morte: 58
" : Jardim Escola de J. de Deus: 284-285.
" : Museu de Mach.º de Castro: 20, 43, 63 136 e 198.

Côja, vila: 222-225.
Colegio de Caenpolide, Lisboa: 43.
Comissão de Historia Militar: 9-16, 299-300 e 322-323.
Companhia de Jesus: 4-6, 276, 282 e 287.
Congrua paroquial: 231-232.
Cooperativa m.or de Coimbra: 303-305.
Corpus-Christi [Procissão de]: 67-68 e 225-226
Christo-Rei [Monum.to ao]: 83.
Critica de arte em Portugal: 309-310.
Despertar (O), jornal: 66, 76 e 135.
Desporto: 77-78 e 286-287.
Diario de Coimbra: 197.
" " Lisboa: 94.

Dicionario de artistas plasticos : 162.
Diligencia a Arganil em 1903 : 291.
Eleições em 1953 : 275-276, 281-282 e 294-295.
" presidenciais em França, 1953 : 305.
Escola Pratica de Infant.ª : 89-90.
Escolas nouvais : 285-286.
Estado-maior do Ex.ro : 260-261.
" Novo : ver Situação Politica.
Estombar, Algarve : 360-361.
Exame fº general [O nuu] : 228-229, 238-239 e 243.
Excursão ao Algarve : 332 e seg.tes
Exposição de Belas-artes, em 1953, Lisboa : 216.
" " gravuras de Rafael Bordalo Pinheiro, em 1953 no Barreiro : 234, 240-241, 247-254, 254-256.
Faro, cidade : 336, 355, 356-357.
Fatima [Senhora de] : 61-62, 81-82, 212, 268-270 e 287.
Feriados nacionais : 288.
Ferreira do Alentejo : 333
Fim do mundo : 306.
Folk-Lore : 271.
Força [A] do Destino, opera : 290.
Freichutz, opera : 163.
Garrettesca [A] do Henrique Ferreira Lima:

26-28, 165-166, 176 e 331-332.

Goio : 55-56.

Grandola : 379.

Gravura, generalidades : 198-200.

" [Exposição de] de Rafael Pimenta, no Barreiro : 247, 248-254.

Gravure [La] Française : 198.

Guadiana : rio : 339, 340-341, 344-346 e 347.

Historia da gravura em madeira em Portugal : 75, 199-200.

" das Ideias Republicanas em Portugal, por Teofilo Braga : 355.

Infantaria nº. 33 : 366 a 372.

Instituto [O] de Coimbra : 190, 197, 200, 221 e 300-303.

Intercambio Luso-brasileiro : 45-46.

Inventario Artistico de Portugal : Destrito de Coimbra, vol. II : 309

Jornal do Barreiro : 240-241, 255-256 e 261

Lagôa, Algarve : 359.

Lagos, ideia : 363 e 366-372.

Liberdade : 308-309.

Lisboa : generalid.s : 28, 142-145, 216-217 e 286-287.

" : Museu Bordalo Pinheiro : 19.

" : " João de Deus : 181-184.

Lourosa [Igreja da] : 309.

Luso : 205-206.

Luzes da Ribalta : 288
Miranda do Corvo : varia : 54 e 319-321.
" " " : Festa a S. Sebastião : 321.
" " " : [Os meus trabalhos sobre] 276-279, 309 e 319-321.
Miseraveis [Os] de Vitor Hugo : 237.
Monte Gordo, praia, Algarve : 348.
" Mar-o-Velho : 56-57.
Musica : 314-315.
Natalidade [A] coimbrã de Afonso Henriques: 315-317
Olarias populares : 359-360
Olhão : 338 e 351-354.
Onda de frio em 1954 : 323-324.
Oquei em patins : 77-78.
Orquestra Filarmonica de Lisboa : 295-296
" Sinfonica Nacional : 289-291.
Paz, quinta : 81-82 e 246.
Penichoiros : ver Sociedade de Instrução e Recreio
Ponta da Piedade, em Lagos : 367-369.
Ponte de Vª Franca de Xira : 29-31.
Portimão : 357, 360-362, 364-366.
Portuguesa (A), hino : 77-78.
Pousadas de Turismo : 335-336 e 378-379.
Praia da Rocha : 356, 362-364 e 364.
Primeiro [O meu] artigo impresso : 296-298.

Procissões : 79-80, 213-215 e 240.
Proclamação da Republica : 77-78, 99-100 e 272-74.
Radio-Club Português : 275.
Reacção ultramontana : 4-6, 47, 58, 67-68, 80, 82-83, 84-86, 187-188, 213-215, 231-232, 240, 242 e 274-275.
Recenseam.to eleitoral : 281-282.
Regeneração, em 1851 : 302-303.
Revista Militar : 105, 115, 122, 151, 185 e 216.
Revolta dos marechais, em 1837 : 222-225.
Revolução de 28 de Maio : 219-220.
Revue d'Histoire Militaire : 74 e 138.
Rotarios (Associação dos) : 76-77.
Sagres : 364-375 e 375.
Saldanha (O meu estudo sobre) : 8-19, 22-26, 41, 75, 98, 108-109, 112-115, 121, 133-134, 157-158, 167-172, 178, 201-205, 222-225, 238, 258-259, 260-261, 272, 280-281, 296, 298-300 e 321-323.
Sanbiapo do Cacem : 377-378.
São Vicente (Cabo de) : 372, 374 e 375.
Seculo (O), jornal : 254-255.
Senhora de Fatima : ver Fatima
" da Nazaré da [illegible] Mafra : 268-270
" " " da Ribeira : 86-89 e 256-257.
Setubal : 333-380

Sintra : 262-268
Situação política desde 1926 : 30, 160, 177, 186-187, 281-282, 303-305, 310, 325-326 e 338.
Sociedade das Nações : 152-155.
" de Instrução e Recreio, Barreiro : 248-254, 255-256.
" N.ª de Belas-Artes : 216.
" Patriótica 1.º de Dezembro : 288.
Sonhos : 283.
Tavira : 338-339, 348-351.
Teatro de S. Carlos, Lx.ª : 295.
Terceira {A estátua do Duque da} : 82-83.
Tertúlia das cinco e meia : 162 e 210.
Tripeiro {O} : revista : 212-213.
Ultramontanismo : ver Reacção
Um quarto de século da Revolução Nacional : ver Luís Ferreira.
União de Grémios dos Lojistas : 315.
Vencimentos {Aumento de} : 28-29.
Vida militar {A minha} : 291-292.
Vila do Bispo : 372 e 376.
" Real de S.to António : 332, 339-347 e 347.

UNIVERSIDADE ✲ LIVRARIA DA